

ROMAN

NIKETCHE PAULINA CHIZIANE

MANA DEVEZDUA
DE PROBLEME

***NIKETCHE UMA HISTÓRIA
DE POLIGAMIA***

PAULINA CHIZIANE

1. BIOGRAFIA DA AUTORA

Paulina Chiziane nasceu em Manjacaze, província de Gaza, região rural ao Sul de Moçambique, em 1955. De família protestante, a autora teve intensa participação política, filiada à Frente de Libertação Moçambicana (FRELIMO), mas se desencantou com o ativismo por causa da pouca – ou nenhuma – política do partido no combate à poligamia em Moçambique, convertendo, então, sua atividade em auxílio à Cruz Vermelha, como enfermeira durante a guerra civil.

Primeira escritora mulher a publicar um livro em Moçambique e a conquistar reconhecimento internacional, por escrever de forma poética e crítica, Paulina Chiziane expõe, por meio de uma linguagem próxima à oralidade, o cotidiano doloroso dos habitantes de seu país, principalmente das mulheres, vítimas de preconceitos, tabus e, frequentemente, alvo de violências sexuais.

Além disso, a obra de Chiziane retrata, por meio da ficção, os costumes culturais da população africana, problematizando os vínculos dela com as influências europeias dominantes em Moçambique decorrentes da colonização portuguesa.

Sua produção literária coincide com a fase pós-colonial de Moçambique, um país em que a literatura é, até hoje, de domínio masculino. Ainda assim, Paulina Chiziane desponta como grande autora, embora ela se classifique como uma contadora de histórias e não como uma romancista.

2. OBRAS DE PAULINA CHIZIANE

Ventos do Apocalipse, 1983.

Balada de Amor ao Vento, 1990.

O Sétimo Juramento, Lisboa, 2000.

Niketche: Uma História de Poligamia, 2002.

As Andorinhas, 2009.

O Alegre Canto da Perdiz, 2008.

Na mão de Deus, 2013.

Por Quem Vibram os Tambores do Além (com Rasta Pita), 2013.

Ngoma Yethu: O curandeiro e o Novo Testamento, 2015.

O Canto dos Escravizados, 2017.

Eu, mulher... por uma nova visão do mundo (Testemunho, em 1992, e publicado em 1994).

3. RESUMO DO ENREDO

Capítulo 1

Um estrondo na rua, que faz lembrar os tempos de guerra, assusta a narradora (Rami), mas o barulho era decorrente de seu filho mais novo, Betinho, quebrar o vidro de um carro em uma de suas travessuras. A mãe, exausta por ter que resolver todos os problemas do lar sozinha, uma vez que o marido, Tony, ausenta-se com frequência, pensa em castigar o menino, o qual se urina com medo do que estava por vir.

Rami diz ao filho que *um homem não se mija de medo* (NHP¹, 2021, p. 10), e o menino, ao justificar que a incontinência urinária decorria do consumo de mangas maduras, pede à mãe que o castigue, conquistando, assim, o perdão dela.

A ausência de Tony, o pai de Betinho, faz Rami pensar que, se ele estivesse em casa, repreenderia o filho e

[...] resolveria o problema do vidro quebrado com o proprietário do carro, homem com homem se entendem (NHP, 2021, p. 11), além de que *um marido em casa é segurança, é proteção. Na presença de um marido, os ladrões se afastam. Os homens respeitam. As vizinhas não entram de qualquer maneira para pedir sal, açúcar, muito menos para cortar na casaca da outra vizinha. Na presença de um marido, um lar é mais lar, tem conforto e prestígio*² (NHP, 2021, p. 11).

Rami volta à rua para pedir desculpas ao dono do carro e garantir a ele que seu marido, comandante da polícia, resolveria tudo quando chegasse em casa. Várias mulheres da vizinhança consolam a narradora, relatando que elas também têm maridos ausentes, os quais não cuidam dos filhos.

A esposa oficial de Tony afirma *que a falta de ordem é falta de homem* (NHP, 2021, p. 11) em sua casa, culpando Tony por tudo o que lhe acontece,

¹ Neste trabalho, abreviaremos o título do livro, *Niketche: Uma História de Poligamia*, pelas iniciais NHP e, também, manteremos a grafia empregada originalmente pela autora.

² Note-se que Rami irá, depois, invadir a casa das outras esposas de Tony, situação que comprova o argumento de que, sem homem em casa, não há respeito.

acrescentando que ele justifica sua ausência com o excesso de trabalho na polícia, argumento no qual Rami não acredita.

As vizinhas iniciam seus relatos: um marido que foi embora com uma menina de catorze anos, outro tem concubinas e filhos fora do casamento, o que faz Rami refletir sobre os motivos que levariam os homens a abandonarem as esposas depois de anos de convivência, concluindo que

[...] no amor, as mulheres são um exército derrotado, é preciso chorar. Depor as armas e aceitar a solidão. Escrever poemas e cantar ao vento para espantar as mágoas. O amor é fugaz como a gota de água na palma da mão (NHP, 2021, p. 13).

Rami não aceita a ideia de ter sido preterida por Tony, uma vez que ela é bela e inteligente, foi *disputada por vários jovens* (NHP, 2021, p. 13), mas acabou escolhendo o pior de todos os partidos, com quem viveu apenas dois anos de felicidade em vinte e tantos anos de casamento.

Ela reflete sobre a perda de sua identidade em favor de Tony, por quem tem *um amor puro e perfeito* (NHP, 2021, p. 13), mas considera ser impossível entender os homens porque, embora ela tenha sido obediente ao marido, suportado as loucuras dele, sacrificado seus sonhos em prol dos de Tony e tenha feito dele o homem o qual se tornou, de nada isso valeu para a sua felicidade de mulher casada.

Segundo Rami, desde que Tony foi promovido a comandante de polícia e passou a ganhar um salário mais alto, a infelicidade entrou em seu lar, pois o marido começou a trocar sua companhia pela das mulheres mais lindas de Maputo.

Ao olhar-se no espelho, Rami nota que a tristeza tomou conta de sua aparência e de seu interior, mas logo percebe, na imagem refletida, *uma mulher feliz* (NHP, 2021, p. 14), o que lhe causa estranheza, dizendo que *o espelho foi invadido por uma intrusa, que se ri da minha desgraça* (NHP, 2021, p. 14)³.

Principia-se uma conversa entre Rami e a imagem refletida no espelho, o qual se tornará, a partir de agora, seu confidente:

— *Quem és tu? — pergunto eu.*
— *Não me reconheces? Olha bem para mim.*
— *Estou a olhar, sim. Mas quem és tu?*
— *Estás cega, gémea de mim.*

³ Rami entra em contato pela primeira vez com seu duplo, seu *alter ego*.

— *Gêmea? Não sou gêmea de ninguém. Dos cinco filhos da minha mãe, não há gêmeo nenhum. Estou diante do meu espelho. Que fazes tu aí?*

— *Estás cega, gêmea minha. Por que choras tu?*

Solto da boca uma enxurrada de lamentos. Conto toda a tristeza e digo que as mulheres deste mundo me roubam o marido. — Pode-se roubar uma pessoa viva, ainda por cima um comandante da polícia?

— *Um marido rouba-se, nesta terra.*

— *Não sejas criança, gêmea minha. Ele cansou-se de ti e partiu. — Mentos! (NHP, 2021, p. 14, 15).*

A narradora chora enquanto a imagem no espelho dança, celebrando o amor e a vida:

— *Celebro o amor e a vida. Danço sobre a vida e a morte. Danço sobre a tristeza e a solidão. Piso para o fundo da terra todos os males que me torturam. A dança liberta a mente das preocupações do momento. A dança é uma prece. Na dança celebro a vida enquanto aguardo a morte. Por que é que não danças⁴? (NHP, 2021, p. 15).*

Capítulo 2

Rami avalia sua vida, concluindo que nunca fizera nada para que as coisas corressem de acordo com os seus desejos (NHP, 2021, p. 17), afirmando: *quero explodir com o vento e trazer de volta o fogo para o meu leito, hoje quero existir* (NHP, 2021, p. 17).

A narradora decide, então, defender aquilo que é seu, isto é, o marido. Pensando em Julieta, outra mulher de Tony, Rami tem vontade de *ferver um pote de óleo e derramar na cara* (NHP, 2021, p. 17) dela, ao mesmo tempo em que reza para ela morrer e ir para o inferno, pois, enquanto Julieta existir, Rami não terá seu *marido por completo* (NHP, 2021, p. 18).

Decidida a enfrentar a rival, a narradora segue para a casa de Julieta; ao chegar ao local, nota que a residência é melhor do que a sua, avaliando que, se a casa da rival foi construída com o dinheiro de Tony, a propriedade é legalmente da esposa, uma vez que, sendo oficialmente casada com ele, a narradora tem direitos sobre os bens que o marido adquire.

⁴ A narradora não conhece a dança do amor, *Niketche*.

Rami toca a campainha e Julieta, tremendo, abre a porta, convidando-a para entrar. A narradora invade a casa à procura de Tony, confirmando que aquela residência era muito melhor do que a dela, além de ter retratos do casal dependurados nas paredes, o que Tony nunca deixou Rami fazer em sua casa, pois, para ele, *retrato na parede é coisa de morto* (NHP, 2021, p. 19). A narradora sente a raiva aumentando e inicia-se uma luta entre ela e Julieta, descrita em *rounds*, como se fosse um evento de UFC:

Primeiro round. *Explosões de raiva correm como tempestades. Lanço sobre ela todas as palavras injuriosas deste mundo. Com a minha língua de sabre ninguém aguenta. Surpreendo-me a gritar palavrões que nunca antes gritei. Da minha boca correm obscenidades que nunca julguei saber. Ela responde e o jogo aquece. Segundo round: Lanço uma bofetada à minha rival. Salto para cima dela, puxo-lhe o nariz e ela fica transtornada pela surpresa. Ela reage e defende-se com uma força mágica vinda não se sabe de onde. Esmero-me na luta e dou golpes tão valentes como os dos filmes de kung-fu. O meu corpo é pesado e os gestos lentos. A minha rival é mais leve e mais ágil. Arranha-me, despe-me, rasga-me, morde-me, esmurra-me. Terceiro round: Defendo-me bem, tiro-lhe a peruca e arranho-lhe a cara. Quarto round: Sinto que estou a perder o combate. Dou passos em retaguarda e alcanço a rua. A minha adversária persegue-me, derruba-me, e rebolamos nas poças de água no meio da chuva. Ela crava as unhas no meu pescoço, quase que me estrangula. Os filhos dela, assustados, soltam gritos ensurdecedores. Entro em pânico, sinto que vou morrer; começo também a gritar, a rogar que ela me solte. Liberto-me. Quinto round: Socorro, esta mulher me mata! Na altura em que tento fugir, levo uma garrafada na nuca. Vejo estrelas no céu nublado. Sexto round: Fui à guerra e perdi o combate. Desmaio* (NHP, 2021, p. 20).

Pessoas socorrem Rami, que acaba sendo levada por Julieta para dentro de sua casa, a fim de cuidar-lhe os ferimentos, banhá-la e trocar-lhe a roupa. Após o restabelecimento, a narradora avalia a rival, considerando-a uma pessoa de bom coração, mas compara as unhas pintadas, o cabelo desfrisado, as roupas feitas sob medida e o decote ousado de Julieta com a sua aparência privada de enfeites, roupas sensuais, com vestimentas feitas em fábricas ou compradas de segunda-mão, ou seja, *o que para mim é proibido, à outra é permitido* (NHP, 2021, p. 21).

Julieta conta a Rami que tem cinco filhos e está grávida do sexto, vive sem a presença de Tony há sete meses, embora ele apareça, eventualmente, na casa dela para tomar banho, trocar de roupa, deixar dinheiro e comida. Revela também que ele se enamorou de outra mulher, com quem Julieta andou em pancadarias, acrescentando que só soube que Tony era casado com Rami quando engravidou a primeira vez, ocasião em que ele lhe contara que *fora obrigado a casar e aguardava uma oportunidade para divorciar-se* (NHP, 2021, p. 21).

Rami compadece-se da situação de Julieta, considerando a vida da rival muito pior do que a sua, e pede-lhe perdão pela invasão e briga. A narradora volta para sua casa e é questionada pelos filhos sobre o motivo dos machucados. Ela alega que caíra na lama, entra em seu quarto e conversa com o espelho:

- *Espelho, espelho meu, veja o que fizeram de mim!*
- *Fizeram-te o que mereceste, amiga minha.*
- *Achas que fiz mal?*
- *Agrediste a vítima e deixaste o vilão. Não resolveste nada.*
- *Ah! (NHP, 2021, p. 24).*

A narradora pensa em divorciar-se de Tony, mas não aceita a possibilidade de deixá-lo livre para as outras mulheres.

Capítulo 3

Tony vai dormir na casa de Rami e mantém-se distante dela. A narradora incomoda-se com o comportamento frio do marido e pensa em dar-lhe *uma panelada na cabeça* (NHP, 2021, p. 26), mas desiste do ato.

Rami acorda Tony, perguntando-lhe o motivo de suas ausências e se ele a trai. Ela diz que sente saudade e que a casa precisa de um homem para governá-la. O marido, irritado com o inquérito, volta a dormir para evitar a conversa.

A narradora afirma a Tony que traição é pecado, ao que ele retruca dizendo: —*Traição? Não me faça rir, ah, ah, ah, ah! A pureza é masculina, e o pecado é feminino. Só as mulheres podem trair, os homens são livres, Rami* (NHP, 2021, p. 26).

Rami revela que já consultara adivinhos, os quais lhe contaram *histórias extraordinárias de feitiços de amor feitos por outras mulheres* (NHP, 2021, p. 27). As vizinhas da narradora falam de almas penadas que

foram cônjuges em vidas passadas e *reclamam os seus direitos nesta vida* (NHP, 2021, p. 28), o que leva Rami a pensar na possibilidade de seu marido ser raptado por uma mulher enquanto ele dorme.

Tony levanta-se e sai de casa dizendo que vai para onde pode dormir em paz.

Capítulo 4

Rami revela que é casada há 20 anos, mãe de cinco filhos e sempre se comportou de modo a manter seu casamento sem precisar recorrer a feitiços, correntes espirituais, rezas, terapias de amor, psicólogos especialistas em casos amorosos, truques ou curandeiros (feiticeiros).

Ainda assim, a narradora, então, decide matricular-se em um curso promovido por uma conselheira amorosa. Ao se preparar para ir à primeira aula, Rami olha-se no espelho e questiona ao objeto:

— *Diz-me, espelho meu: serei eu feia? Serei eu mais azeda que a laranja-lima? Por que é que o meu marido procura outras e me deixa aqui? O que é que as outras têm que eu não tenho?*

O espelho dá uma resposta muda e sorri.

— *Vamos, responde-me, espelho meu.*

O meu espelho responde com malícia:

— *Ah, sua gorda!*

— *Não! Não achas que emagreci um pouco?*

— *Emagreceste, sim.*

— *Graças a Deus não precisei de chás nem dietas.*

— *Vês como o teu marido é bom? Deu-te um desgosto benéfico, que emagrece. Tomara que esse desgosto te consuma mais um mês. Ficarás mais elegante que as estrelas de cinema. Tomara que todas as mulheres gordas tivessem maridos que lhes dessem desgostos. Quem se ri agora sou eu. Espelho louco. Eu já ando louca da minha vida e aparece agora este espelho a enlouquecer-me mais ainda.*

— *Oh, espelho meu, o que achas de mim? Devo renovar-me?*

— *Renova-te, sim. Mas antes, procura uma vassoura e varre o lixo que tens dentro do peito. Varre as loucuras que tens dentro da mente, varre, varre tudo. Liberta-te. Só assim viverás a felicidade que mereces.*

— *Diz-me, espelho meu: onde foi que eu errei? Serei feliz algum dia, com essas mulheres à volta do meu marido?*

— *Pensa bem, amiga minha: serão as outras mulheres as culpadas desta situação? Serão os homens inocentes?*

Abandono o espelho que distrai a minha atenção com reflexões inúteis.

— Hoje vou à primeira aula de amor de toda a minha vida (NHP, 2021, p. 30).

A conselheira amorosa, de origem macua, ao falar troca as letras *b* por *p* e *d* por *t*, usa muito ouro e tem uma imagem de Rainha de Sabá magra, numa versão europeizada de constituição física, uma vez que o comum são rainhas africanas gordas.

Durante a consulta, Rami sente desconforto em dizer a uma estranha como é sua intimidade, por isso, elas principiam uma conversa neutra sobre tradições e culturas moçambicanas. A narradora sente-se atraída pela magia da conselheira, a qual questiona Rami sobre seus problemas, mas não obtém resposta imediata. Alterando a estratégia, a conselheira pergunta à narradora como fora sua preparação para o casamento:

— Comecei a fazer enxoval aos quinze anos — explico. — Bordar naperons. Fiz colchas e toalhas em croché. Toalhas bordadas, com o ponto pé de flor, ponto pé de galo, ponto de cruz, ponto jugoslavo, ponto grilhão. Fiz curso de cozinha e tricô.

— Cresci no campo e não conheci nada dessas coisas de bordados e enxovais. Diz-me, como foi a preparação nas vésperas do casamento?

— Tinha aulas na igreja, com os padres e as freiras. Acendi muitas velas e fiz muitas rezas.

— E o que te ensinava a tua família?

— Falava-me da obediência, da maternidade.

— E do amor sexual?

— Nunca ninguém me disse nada.

— Então não és mulher — diz-me com desdém —, és ainda criança. Como queres tu ser feliz no casamento, se a vida a dois é feita de amor e sexo e nada te ensinaram sobre a matéria? (NHP, 2021, p. 32).

A conselheira fala a Rami sobre como ela foi preparada para o casamento, seguindo as tradições do Norte de Moçambique, comparando os hábitos dessa região com os do Sul do país:

As mulheres do sul acham que as do norte são umas frescas, umas falsas. As do norte acham que as do sul são umas frouxas, umas frias. Em algumas regiões do norte, o homem diz: querido amigo, em honra da nossa amizade e para estreitar os laços da nossa

fraternidade, dorme com a minha mulher esta noite. No sul, o homem diz: a mulher é meu gado, minha fortuna. Deve ser pastada e conduzida com vara curta. No norte, as mulheres enfeitam-se como flores, embelezam-se, cuidam-se. No norte a mulher é luz e deve dar luz ao mundo. No norte as mulheres são leves e voam. Dos acordes soltam sons mais doces e mais suaves que o canto dos pássaros. No sul as mulheres vestem cores tristes, pesadas. Têm o rosto sempre zangado, cansado, e falam aos gritos como quem briga, imitando os estrondos da trovoada. Usam o lenço na cabeça sem arte nem beleza, como quem amarra um feixe de lenha. Vestem-se porque não podem andar nuas. Sem gosto. Sem jeito. Sem arte. O corpo delas é reprodução apenas (NHP, 2021, p. 33).

A narradora revela que nunca frequentou ritos de iniciação, pois a formação de sua família é cristã. Então, a conselheira fala-lhe da importância do aprendizado para o princípio da vida amorosa, para a felicidade na relação entre homem e mulher e da necessidade de partilhas na vida:

A vida é feita de partilhas. Partilhamos a manta num dia de frio. Partilhamos o sangue com o moribundo na hora do perigo. Por que não podemos partilhar um marido? Emprestamos dinheiro, comida e roupa. Por vezes damos a nossa vida para salvar alguém. Não acha mais fácil emprestar um marido ou esposa do que dar a vida? (NHP, 2021, p. 35).

Rami recusa a ideia de partilhar o marido, considerando-se egoísta para fazê-lo. A conselheira afirma que Tony também é uma criança, pois não conhece a iniciação masculina para a sexualidade:

— A primeira filosofia é: trata a mulher como a tua própria mãe. No momento em que fechores os olhos e mergulhares no seu voo, ela se transforma na tua criadora, a verdadeira mãe de todo o universo. Toda a mulher é a personificação da mãe, quer seja a esposa, a concubina, até mesmo uma mulher de programa. O homem deve agradecer a Deus toda a cor e luz que a mulher dá, porque sem ela a vida não existiria. Um homem de verdade não bate na sua mãe, na sua deusa, na sua criadora (NHP, 2021, p. 36, 37).

A conselheira segue diferenciando os comportamentos masculinos e femininos, concluindo que

Não ter amor não é sina, é desastre. Aprende bem esta minha lição. O amor é um investimento. Nasce, morre, renasce, como o ciclo do sol. Olha, não diz que não te ensinei. O amor é o pavio aceso, cabe a ti manter a chama. Tudo o resto são truques, minha linda.

Técnicas. Artimanhas. Tudo na vida é mortal, tudo se apaga. Se a tua chama se apaga é em ti que está a falta. Faz o que te digo e magia nenhuma te derrubará nesta vida. Tu és feitiço por excelência e não deves procurar mais magia nenhuma. Corpo de mulher é magia. Força. Fraqueza. Salvação. Perdição. O universo inteiro cabe nas curvas de uma mulher (NHP, 2021, p. 38).

A narradora sente-se renascida depois das palavras da conselheira e a conversa segue para os ensinamentos que devem ser aprendidos para se prender um homem:

— *Se queres um homem prenda-o na cozinha e na cama — diz ela.*

— *Há comidas masculinas e femininas. Na galinha, as mulheres comem as patas, as asas e o pescoço. Aos homens servem-se as coxas de frangos. A moela.*

— *A moela de galinha? No norte também? — pergunto eu, morta de curiosidade.*

— *No norte também.*

— *Engraçado. Nunca tinha imaginado.*

— *No norte, a história da moela por vezes gera conflitos conjugais, que terminam em violência e até divórcios.*

— *Não é possível! No sul também é assim. Essa tradição devia ser combatida.*

— *Desafiar? Mudar? Para quê? Cá por mim devia ser mantida, porque é uma boa isca. Um homem vence-se pela sua gula. Se queres fazer uma magia de amor, faça-a naquilo que eles mais gostam. A moela (NHP, 2021, p. 39).*

Rami participa de quinze aulas, as quais foram muito importantes para seu aprendizado feminino, confessando ao leitor que: [...] *apetece-me procurar alguém, para experimentar tudo o que aprendi. Neste casamento velho e gasto, o Tony está farto de me conhecer. Notará logo uma mudança de comportamento. Mesmo assim, vou tentar. Mas que pena ter aprendido isto só agora! (NHP, 2021, p. 41).*

A narradora coloca em prática o que aprendera com a conselheira, chegando a comprar roupas coloridas, na expectativa de uma reação positiva de Tony, mas ele desdenha das cores do novo vestuário da esposa:

— *Estás tão colorida que pareces uma borboleta. Pareces açafão. Piripiri maduro. O que te inspira a esses gostos tão espampanantes?*

Fiquei desgostosa. Estava quase a dar certo. Acho que exagerei no perfume, estava cheirosa de mais, eu penso. Cheiro de mais enjoa, mesmo que seja perfume bom. Mas não, não foi o perfume, não. Deve ter sido a imagem da outra—a terceira e não a segunda — que quebrou o encanto. Fico com raiva de tudo. Quero conhecer essa terceira mulher que enlouquece o meu marido (NHP, 2021, p. 43).

Rami vai ao espelho para desabafar:

— *Sonhei tanto com este momento, tudo se desmoronou, que faço agora, espelho meu?*

— *Onde está o espírito de luta, amiga minha? Se falhou hoje, podes tentar outra vez!*

Obrigada, espelho meu. Perder a batalha não é perder a guerra. Amanhã será outro dia (NHP, 2021, p. 43).

Capítulo 5

A narradora procura a terceira mulher de Tony, a qual, se sentindo ameaçada pela sua presença, inicia uma luta corporal com ela, embora Rami gritasse que havia ido até ela por bem. Luísa ordena à narradora que saia de sua casa, mas ouve dela que tudo o que havia naquela residência lhe pertencia, pois fora comprado com o dinheiro de seu marido, enquanto Luísa desfere-lhe pancadas.

Rami corre para a rua, onde a luta continua até a polícia prender as duas mulheres em flagrante por perturbação da ordem pública. Ao entrarem na cela, repleta de mulheres marginais de toda espécie, elas se seguram uma à outra.

A narradora chama pelo policial, dizendo-lhe que e se chama Rosa Maria, é uma mulher de bem e casada com o Comandante António Tomás. Após a constatação de que Rami é esposa de Tony, ela é liberada, mas, antes de sair, pede ao policial que liberte também Luísa, pois ela era a outra mulher de Tony.

As duas mulheres são levadas até uma sala para conversarem civilizadamente. Rami diz a Luísa:

— *Perdoa-me pelo que aconteceu. Não era minha intenção...*

— *A senhora tratou-me como uma ladra, como se um homem daquele tamanho pudesse ser roubado.*

[...]

— *O Tony é meu marido — digo eu —, arranja um homem só para ti, mulher bonita. Deixa o meu marido que, para além de ter já duas, mostra sinais de cansaço. Está a ficar velhinho, o meu Tony. Eu não te quero agredir. Só quero defender o meu lar.*

— *Ele também é meu.*

— *Sabes o que significa ser mulher de um homem casado? É o mesmo que fazer filhos na sombra da outra mulher. É não ser socialmente reconhecida como esposa. É ser abandonada a qualquer momento, ser usada, ser trocada. Que futuro esperas tu? — E a senhora, que presente tem? Lutar com rivais na rua, estar detida numa cela, era o futuro que esperava?*

— *Mas tu não fazes a instituição, eu sim. Tu és a concubina e eu a esposa. És secreta e eu reconhecida. Tenho segurança, direito a herança e tu não tens direito a nada. Tenho certidão de casada e aliança no dedo.*

— *Mas eu é que tenho prazer, recebo amor e todo o salário do seu marido. Eu conheço a alegria de viver. Acha isso pouco?* (NHP, 2021, p. 47,48).

Os ânimos se acirram novamente, mas as duas mulheres acabam acertando a conversa a um tom polido e colocam as verdades de suas relações com Tony à mostra. Luísa conta à Rami que Tony tem falhado às visitas em sua casa por causa de Saly, mais uma mulher com quem ele mantém relacionamento. Ambas são finalmente liberadas, mas, antes, o policial lhes dá um conselho:

— *É uma vergonha, duas esposas de uma pessoa tão importante baixarem de nível até este ponto. Se isto volta a acontecer, quem vai resolver este assunto será o meu comandante, o Senhor António Tomás, pessoalmente. E parem de manchar a imagem de um homem tão culto, tão ilustre e tão cheio de classe. Comportem-se à altura do digníssimo marido que conseguiram caçar, minhas senhoras* (NHP, 2021, p. 52).

Capítulo 6

Sentindo o corpo dolorido em decorrência das duas surras que recebera das outras mulheres de Tony, Julieta e Luísa, Rami dirige-se ao hospital e,

enquanto aguarda sua vez de ser atendida, nota uma mulher empurrando a maca com seu marido, ambos idosos, descalços e magros. O médico questiona qual é o problema e, quando a mulher vai responder, o marido a interrompe furioso:

— Cala-te, mulher. Desde quando tens categoria para falar com um doutor? Nunca te autorizei a falar com homem nenhum. Estás a comportar-te como uma prostituta.

As palavras do velho despertam na mulher raivas sepultadas. Todas as mágoas afloram como um furacão, o sofrimento desta mulher foi uma constante, nas linhas do tempo. Ela reage e grita para o médico:

— Velho rabugento! Suportei-lhe a vida inteira. Se não quer que eu fale, então que morra! (NHP, 2021, p. 53).

A velha abandona o marido, o qual grita pedindo para que volte, mas ela segue em frente, enquanto ele desmaia.

Capítulo 7

Rami procura por um mercador de sortes para que ele lhe recomendasse alguma magia que fizesse Tony voltar a ser o marido que era no passado. O homem lhe dá uma receita de amor:

[...] Preparar a sopa de que ele mais gosta, juntar teias de aranha que bastem, dois fios de cabelo meu, três fios da cueca dele, quatro gotas de suor meu e dele, duas sementes de rícino, quatro patas de lagartixa branca, banha de toupeira que baste, mexer bem e servir a ele, só a ele. A partir do momento em que ele tomar, todos os problemas ficarão resolvidos (NHP, 2021, p. 56).

A narradora sente-se enojada, afirmando que a cidade estava cheia de curandeiros atrás de dinheiro. Ela se recusa a pagar pela magia, mas, refletindo melhor, pensa que seu caso precisava de auxílio sobrenatural, acreditando haver milagres no mundo:

Uma vez assisti a um caso insólito. O ladrão entrou numa loja. Roubou. Quando ia a sair, engordou instantaneamente e não conseguiu transpor a porta. Quando se afastava da porta emagrecia, quando se aproximava engordava. Desesperado, quebrou o enorme vidro, aí com uns três metros, da montra. Tentou passar por ali e engordou ainda mais do que o tamanho da montra.

Enlouqueceu repentinamente e chorou como uma criança, até que o dono da loja o veio libertar. Esta história é verdadeira, eu vi. O que não vi foi o homem a engordar. Vi o ladrão algemado, a montra partida, o saco com os produtos do saque (NHP, 2021, p. 57).

Rami desconsidera a possibilidade da sopa mágica, mas aceita fazer uma tatuagem num lugar secreto, como um rito de atração. A mulher do mago rasga a pele da narradora com uma lâmina gilete⁵ nova para evitar a *sida*⁶, e passa-lhe uma pomada; mesmo assim, Rami tem febre, sangramento e infecção no local onde foi feita a tatuagem.

Tony volta para casa bem-disposto, mas a narradora, que ainda sofre com a hemorragia, perde o controle, começa a gritar e o marido parte novamente: *Ah, meu bom Deus! Este bruxo estragou o meu momento. A sua tatuagem maligna espantou a minha caça. Que azarada eu sou! Que desastrada, malfadada, ah, que vontade tenho de morrer!* (NHP, 2021, p. 58).

Capítulo 8

Rami relata que seu passado foi feliz, mas o presente só a faz chorar. O marido era um turista em sua casa, a família tornara-se polígama e as amigas perguntavam-lhe sobre Tony só para zombar dela.

A narradora conta que frequentou uma seita milagrosa, chegando a se batizar nas águas da Praia da Costa do Sol, chamada pela seita de Rio Jordão, realizou rituais para conseguir de volta o marido Tony, procurou por Julieta, Luísa, Saly e Mauá, todas mulheres de Tony. Rami questiona:

O que querem as mulheres, à volta de um só homem? Todas tememos a solidão e por isso suportamos o insuportável. Dizem que as mulheres são muitas — as estatísticas e os próprios homens — e os homens poucos. Para dizer a verdade — parafraseando a Lu, a terceira —, há homens em quantidade suficiente. Homens com poder e dinheiro é que são poucos. Na história da nossa terra, mulher nenhuma morreu virgem por falta de homem. Para todas estas mulheres o Tony é emprego, fonte de rendimento. O mundo acha que as mulheres são interesseiras. E os homens não são? Todo o homem exige da mulher um atributo fundamental:

⁵ Gilete é metonímia de lâmina de barbear.

⁶ SIDA é abreviação de Síndrome da Imunodeficiência Humana Adquirida, comumente conhecida no Brasil como AIDS.

beleza. As mulheres exigem dos homens outro atributo: dinheiro. Qual é a diferença? Só os homens podem exigir e as mulheres não? No campo, só consegue mulher bonita o homem que possuir um rádio portátil de quatro pilhas, para ter música suave a embalar as noites de amor. Aquele que comete a proeza de possuir uma bicicleta, tem todas as mulheres do mundo. Deve ser romântico cavalgar o mundo numa bicicleta, príncipe e princesa na principesca montada, percorrendo o mundo em real cavalgada.

Até na bíblia a mulher não presta. Os santos, nas suas pregações antigas, dizem que a mulher nada vale, a mulher é um animal nutridor de maldade, fonte de todas as discussões, querelas e injustiças. É verdade. Se podemos ser trocadas, vendidas, torturadas, mortas, escravizadas, encurraladas em haréns como gado, é porque não fazemos falta nenhuma. Mas se não fazemos falta nenhuma, por que é que Deus nos colocou no mundo? E esse Deus, se existe, por que nos deixa sofrer assim? O pior de tudo é que Deus parece não ter mulher nenhuma. Se ele fosse casado, a deusa — sua esposa — intercederia por nós. Através dela pediríamos a bênção de uma vida de harmonia. Mas a deusa deve existir, penso. Deve ser tão invisível como todas nós. O seu espaço é, de certeza, a cozinha celestial.

Se ela existisse teríamos a quem dirigir as nossas preces e diríamos: Mãre nossa que estais no céu, santificado seja o vosso nome. Venha a nós o vosso reino — das mulheres, claro —, venha a nós a tua benevolência, não queremos mais a violência. Sejam ouvidos os nossos apelos, assim na terra como no céu. A paz nossa de cada dia nos dai hoje e perdoai as nossas ofensas — fofocas, má-língua, bisbilhotices, vaidade, inveja — assim como nós perdoamos a tirania, traição, imoralidades, bebedeiras, insultos, dos nossos maridos, amantes, namorados, companheiros e outras relações que nem sei nomear. Não nos deixeis cair na tentação de imitar as loucuras deles — beber, maltratar, roubar, expulsar, casar e divorciar, violar, escravizar, comprar, usar, abusar e nem nos deixes morrer nas mãos desses tiranos—mas livrai-nos do mal, Amén⁷ (NHP, 2021, p. 61, 62).

Capítulo 9

Rami visita tia Maria e ela lhe conta que se casou pela primeira vez aos dez anos, para quitar as dívidas do pai com o cobrador de impostos, sendo

⁷ Paulina Chiziane vale-se da intertextualidade, subvertendo a oração do Pai-Nosso tradicional.

essa negociação feita antes de seu nascimento. Ela se tornou a vigésima quinta esposa de um rei, deu-lhe um filho e teve dois outros filhos com um guarda real. No momento presente, tia Maria tem dois maridos vivendo sob o mesmo teto. A narradora pergunta à tia como conseguiu lidar com todas as esposas do rei e ela diz *que a vida é uma eterna partilha* (NHP, 2021, p. 63), e que, no seu caso, todas as mulheres formavam uma verdadeira família, cada uma com sua casa, filhos e propriedades, ficando com o rei por uma noite no mês.

Tia Maria conta também que o rei se casava várias vezes durante o ano e tudo era negociado pelos ministros, inclusive o *lobolo*, sendo a nova esposa recebida no Palácio Real pelas damas anteriores. Os casamentos eram, na verdade, alianças políticas, sendo exceção o caso de tia Maria, que foi entregue ao rei para pagar as dívidas do pai.

Rami pergunta à tia:

— *Pois então, tia! Os reis partilhavam as esposas com os assistentes.*
— *Não. Uma mulher que passava para as mãos do assistente nunca mais voltava ao leito real, o que era bom, porque ela recuperava a sua liberdade e podia vadear. Podia até trazer para o reino filhos de qualquer um. Num lar polígamo não há filhos ilegítimos. Os que nascem dos assistentes não podem herdar o trono. A primeira dama, a verdadeira nkosikazi, é que era sagrada. Nenhum homem podia tocar nela sob pena de morte. Essa era a única que garantia a linhagem real. Quando me casei, o rei já era um vovô* (NHP, 2021, p. 65).

Tia Maria afirma que a poligamia tem vantagens, pois, quando as mulheres se entendem, o marido respeita todas elas. Acrescenta também que deixou a casa real com a morte do rei e casou-se com Marcos, pai de suas filhas, que a abandonou e desapareceu no mundo. O segundo marido, Tomás, ajudou-a na criação de suas filhas, mas acabou recolhendo Marcos, quando esse voltou doente e, agora, tratam-se como irmãos. Segundo tia Maria, Marcos é um devasso e tem fama de gostar de outros homens, mas, para as pessoas, ela é a errada por ter dois maridos ao mesmo tempo.

Capítulo 10

Rami, por insistência de Luísa, vai ao aniversário de dois anos de seu filho, criança muito semelhante ao Betinho, já que ambos são filhos de Tony. Durante a festa, chega um homem maravilhoso, sorridente, e que chama a atenção de Rami. Ele, a convite da narradora, senta-se ao lado dela,

que percebe haver uma relação dele com Luísa. Rami pergunta ao homem se ele é amante de Luísa e ele tenta disfarçar, mas ela percebe que Luísa é adúltera e, de certa maneira, vinga, com essa atitude, o ciúme que a narradora tinha de Tony.

O homem sorri e olha para Rami, que se sente atraída por ele. Depois de consumir muito vinho, a narradora é levada para o quarto por Luísa, a qual a deita na cama, patrocinando-lhe uma noite de amor com o homem misterioso, o que traz muita satisfação à Rami, mas também a sensação de ter se prostituído.

No dia seguinte, Luísa explica à narradora que emprestara seu amante para ela, porque não era possessiva, já que vinha de uma região de Moçambique onde é possível se emprestar o marido à melhor amiga, uma vez que *sexo é um copo de água para matar a sede* (NHP, 2021, p. 73). Rami afirma que acabara de cometer adultério e Luísa lhe diz:

— Adultério? Há quanto tempo esperas por quem não vem? Vocês, mulheres do sul, perdem tempo com essas histórias e preconceitos. Renunciam à existência, pode-se saber por quê? Fidelidade a quê, se ele já te deixou? Mesmo as viúvas aliviam o luto em algum momento. E tu não és viúva, o Tony está vivo, está feliz e anda a fazer das suas, por aí (NHP, 2021, p. 73).

A narradora sente inveja da praticidade de Luísa e de sua liberdade. Rami deita-se novamente, lembrando os momentos de prazer que teve ao lado do desconhecido. Mais tarde, ao se levantar, ela reencontra o homem misterioso e ambos conversam:

— Gosto de ti — diz ele —, gosto da Lu também. Gosto de vocês duas. Tu és ótima, Rami. Como é que um homem pode desprezar alguém como tu? És bela, és nova. Estás no tempo de viver as emoções mais loucas desta vida, e ficas aí perdida chorando como uma viúva.

— O senhor diz isso só para me agradar.

— Tu és uma lady, uma mãe. Quem me dera ter uma mulher como tu. Fico amuada, aborrecida. Os homens são todos sem-vergonha e este abusou da minha fragilidade.

— O senhor aproveitou-se da minha embriaguez!

— Choraste por mim, como uma criança. Chamaste por mim, e a Lu convenceu-me a vir.

— Mas!...

— *Tu eras toda um sinal, vi logo pelo teu olhar. Eras a perfeita imagem de uma flor ressequida no deserto. A tua forma de sentar, o teu sorriso, os teus gestos eram a verdadeira imagem da carência de afecto. Não é justo o que o teu marido faz contigo* (NHP, 2021, p. 75). O homem misterioso acrescenta:

— *Sei muitas coisas a teu respeito. Admiro a tua coragem. És um caso raro. Eu acho que todas as mulheres deviam unir-se contra a tirania dos homens. Eu, se fosse mulher, faria isso. É aí onde estás o teu ponto forte. No lugar de fazer a guerra estás aqui ao lado da tua rival. Tu és brava, mulher* (NHP, 2021, p. 76).

[...]

Também fui tirano a vida inteira. Espanquei a minha mulher no último mês de gravidez. Foi de urgência para a maternidade e perdeu o filho, o único filho homem que ela me ia dar. Tínhamos já duas meninas. Eu ambicionava um rapaz e perdi-o. Matei-o, por estupidez. Como estou arrependido, Deus meu! Mal saiu da maternidade, foi para a casa dos pais e não voltou mais para mim, tinha toda a razão. Casou-se com outro e é feliz, para meu castigo. Estou só, ainda não me fixei, mas um dia hei-de casar-me outra vez. Quero tanto esta Lu, gosto tanto dela, mas prefere esse Tony, que faz dela simples concubina de terceira categoria (NHP, 2021, p. 77).

Rami e Vítor despedem-se com um beijo discreto e, a partir deste dia, a narradora passa a frequentar a casa de Lu.

Capítulo 11

Rami faz uma série de reflexões a respeito da poligamia:

Poligamia é uma rede de pesca lançada ao mar para pescar mulheres de todos os tipos. Já fui pescada. As minhas rivais, minhas irmãs, todas, já fomos pescadas. Afiar os dentes, roer a rede e fugir, ou retirar a rede e pescar o pescador? Qual a melhor solução? Poligamia é um uivo solitário à lua cheia. Viver a madrugada na ansiedade ou no esquecimento. Abrir o peito com as mãos, amputar o coração. Drená-lo até se tornar sólido e seco como uma pedra, para matar o amor e extirpar a dor quando o teu homem dorme com outra, mesmo ao teu lado. Poligamia é uma procissão de esposas, cada uma com o seu petisco para alimentar o senhor.

Enquanto prova cada prato ele vai dizendo: este tem muito sal, este tem muita água, este não presta, este é azedo, este não me agrada, porque há uma que sabe cozinhar o que agrada. É chamarem-te feia, quando és bela, pois há sempre uma mais bela do que tu. É seres espancada em cada dia pelo mal que fizeste, por aquele que não fizeste, por aquele que pensaste fazer, ou por aquele que um dia vais pensar cometer.

Poligamia é um exército de crianças, muitos meios-irmãos crescendo felizes, inocentes, futuros reprodutores dos ideais de poligamia. Embora não aceite, a minha realidade é esta. Já vivo na poligamia.

Poligamia é ser mulher e sofrer até reproduzir o ciclo da violência. Envelhecer é ser sogra, maltratar as noras, esconder na casa materna as amantes e os filhos bastardos dos filhos polígamos, para vingar-se de todos os maus-tratos que sofreu com a sua própria sogra.

[...]

Poligamia é o destino de tantas mulheres neste mundo desde os tempos sem memória. Conheço um povo sem poligamia: o povo macua. Este povo deixou as suas raízes e apoligamou-se por influência da religião. Islamizou-se. Os homens deste povo aproveitaram a ocasião e converteram-se de imediato. Porque poligamia é poder, porque é bom ser patriarca e dominar. Conheço um povo com tradição poligâmica: o meu, do sul do meu país. Inspirado no papa, nos padres e nos santos, disse não à poligamia. Cristianizou-se. Jurou deixar os costumes bárbaros de casar com muitas mulheres para tornar-se monógamo ou celibatário. Tinha o poder e renunciou. A prática mostrou que com uma só esposa não se faz um grande patriarca. Por isso os homens deste povo hoje reclamam o estatuto perdido e querem regressar às raízes. Praticam uma poligamia tipo ilegal, informal sem cumprir os devidos mandamentos. Um dia dizem não aos costumes, sim ao cristianismo e à lei. No momento seguinte, dizem não onde disseram sim, ou sim onde disseram não. Contradizem-se, mas é fácil de entender. A poligamia dá privilégios. Ter mordomia é coisa boa: uma mulher para cozinhar, outra para lavar os pés, uma para passear, outra para passar a noite. Ter reprodutoras de mão de obra, para as pastagens e gado, para os campos de cereais, para tudo, sem o menor esforço, pelos simples factos de ter nascido homem.

[...]

A vida é a eterna metamorfose. Vejam só o meu caso. O meu lar cristão que se tornou polígamo. Era uma esposa fiel que tornei-me adúltera — adúltera não, recorri apenas a um tipo de assistência

conjugal, informal, tal como a poligamia desta casa é informal. Mulheres já somos cinco. Filhos são dezasseis, contando com os que ainda estão nas barrigas das mães. Faltam quatro para completar vinte. Apesar dos meus quarenta anos, vou fazer mais um filho, por vingança. As concubinas não podem ter mais filhos do que eu, que sou a primeira e sou a dona. Concubina nenhuma deste mundo vai tirar o meu estatuto, eu juro. Não tenho muita certeza desta última afirmação. O Tony respira fertilidade e germina como sementes de abóbora, multiplicando-se às dúzias como ninhadas de ratos. Por este andar, o Tony chegará aos cinquenta filhos, com tantas mulheres novas e belas que nascem em cada dia (NHP, 2021, p. 80 a 84).

Capítulo 12

Rami decide armar uma conspiração contra Tony e busca apoio da família. Ao queixar-se do comportamento do marido para o pai, esperando algum conforto por parte dele, a narradora ouve que ele já tinha problemas demais e que as mulheres de sua época não eram como as atuais, as quais buscam emancipação.

Voltando-se para a mãe e contando a ela tudo sobre as esposas de Tony, de como são bonitas, jovens e encantadoras, Rami ouve dela:

— *Um marido é como um bode. Gosta de pastar longe mas sempre volta à toca. Não tenha medo, segura-o pelos chifres.*

— *Mas como?*

— *Entendeste bem o que disse. Segura-o (NHP, 2021, p. 87).*

A mãe de Rami começa a chorar e, questionado pela filha o motivo das lágrimas, ela conta que havia se lembrado da irmã falecida por causa de uma moela de galinha:

— *Era domingo e a minha irmã preparou o jantar. Era galinha. Preparou a moela cuidadosamente e guardou numa tigela. Veio o gato e comeu. O marido regressou e perguntou: a moela? Ela explicou. Foi inútil. O homem sentiu-se desrespeitado e espancou-a selvaticamente. Volta para a casa da tua mãe para ser reeducada, disse ele. Já! Ela estava tão agoniada que perdeu a noção do perigo e meteu-se em marcha na calada da noite. Eram cerca de dez quilómetros até ao lar paterno. Caiu nas garras do leopardo nas savanas distantes. Morreu na flor da idade por causa de uma imbecilidade. Morreu ela e ficou o gato (NHP, 2021, p. 88).*

A narradora chega à conclusão de que ela não é a única a sofrer no mundo, pois há mulheres que vivem problemas maiores do que os dela: *Mulheres de ontem, de hoje e de amanhã, cantando a mesma sinfonia, sem esperança de mudanças* (NHP, 2021, p. 89).

Capítulo 13

Rami procura por várias mulheres, questionando-as a respeito da poligamia e conclui que o envolvimento dos homens com outras parceiras é uma questão de destino e cultura moçambicanos, uma vez que *no país há dez mulheres para cada homem* (NHP, 2021, p. 90).

Algumas das mulheres pesquisadas dizem à narradora que ela deveria matar as concubinas, enquanto outras a aconselham a ser amiga das rivais para que, dessa maneira, possa derrubá-las.

Rami organiza um encontro secreto com todas as mulheres de Tony, para a qual Mauá não foi convidada, pois, estando muito apaixonada por ele, poderia arruinar o plano da narradora. Rami considera-se importante, pois se sente na posição de primeira esposa, a primeira-dama, acreditando que as demais mulheres de Tony vivem uma situação conjugal pior do que a dela, uma vez que não têm amparo legal, nem direito aos bens que ele possui.

A narradora diz às mulheres presentes:

— *Julieta, minha Ju, foste enganada. Arrancada da adolescência para a velhice, sem meio-termo. A tua vida é um verão eterno. E tu, Luísa, minha Lu, serás desejada enquanto tiveres fogo nesse belo corpo. A vida é uma eterna mudança, um dia quente, outro dia frio. O que será de ti, quando o inverno chegar? Saly, tu és a usada nos momentos de pausa, és um petisco, uma refeição ligeira, intermédia, para quebrar a monotonia na ementa de amor. A Mauá é a mais amada, apenas de momento. Os amores do Tony são efêmeros, sabemos disso* (NHP, 2021, p. 92).

Após o seu discurso, Rami convida as outras mulheres de Tony para se unirem a ela e buscarem, juntas, soluções para a vida difícil que levam.

Capítulo 14

Tony completará 50 anos de idade e Rami organiza uma festa para comemorar o aniversário dele. Estavam reunidos na casa parentes, amigos,

padrinhos e a mestre de cerimônia da ocasião, a narradora. Repentinamente, entra na casa Julieta acompanhada de cinco filhos e um bebê de colo, vestida de acordo com a orientação de Rami. Ju senta-se ao lado da narradora, quando chega Luísa com seus filhos também, seguida por Saly e, após ela, Mauá Sualé, todas usando trajes idênticos aos de Rami.

O marido polígamo se surpreende e tenta justificar frente a todos o porquê de ter cinco esposas, dizendo-se um africano que segue a cultura de seu país. Os convidados cochicham, até que o tio velho pergunta a Tony se ele não exagerou no número de mulheres e filhos. Rami diz:

— *Neste dia, não quis que esta grande família permanecesse invisível. Neste dia queria que todos testemunhassem que o coração deste homem é fértil como o húmus. O Tony é um homem que ama a vida e por isso a multiplica. Ele não se acobarda mas empunha a sua espada e afirma-se através de cinco mulheres e dezasseis filhos* (NHP, 2021, p. 95).

Tony bebe e recebe os parabéns dos presentes em relação à sua poligamia. Rami o chama para uma conversa juntamente com todas as suas mulheres, e diz-lhe que todas as cinco resolveram tornar-se uma só. Tony interrompe o discurso da esposa, sai de casa, entra no carro e desaparece. Mesmo com a ausência dele, a festa dura até a madrugada.

Rami conversa com o espelho, o qual a acusa de estar embriagada e de ser escandalosa e desmancha-prazeres. A narradora deita-se, mas não consegue dormir imaginando Tony desesperado com a situação. No entanto, ela se sente feliz por ter incorporado as demais esposas e os filhos de Tony ao seu núcleo familiar.

Capítulo 15

A sogra de Rami a chama-a para uma conversa, durante a qual ela culpa a nora, acusando-a de assassina e má, pois colocara Tony em uma situação perigosa para a saúde dele. O marido de Rami passara a noite na casa da mãe e chegara a ter febre e delírios, o que o levou a desconfiar de ter sido envenenado pelas mulheres.

Rami explica à sua sogra que ela havia se aliado às demais mulheres de Tony, classificando-o como um homem derrotado, que foge das mulheres e dos filhos para buscar proteção na casa da mãe.

A mãe de Tony elogia o filho por ter uma família tão grande, netos que lhe trarão muita alegria – e alguns tristeza –, mas que estarão com ela em

seus momentos finais de vida. Além disso, ela também recrimina o filho por ter escondido da família sua masculinidade, uma vez que a poligamia e o número alto de filhos faz dele um grande homem.

A sogra de Rami acrescenta que tem pressa de ter os netos em sua casa, brincando pelo quintal, e pede à nora que faça Tony levar as crianças rapidamente até a casa da avó. Rami sente-se derrotada e questiona: *Mas por que é que um polígamo é feliz quando as mulheres se batem e é infeliz quando elas se entendem?* (NHP, 2021, p. 101).

Capítulo 16

Rami diz para as mulheres de Tony procurarem-no sempre que precisarem e, assim, o desfile de esposas e filhos inicia-se atrás dele, já que a situação econômica deles é complicada:

A Saly diz que já teve negócios que faliram, porque usou todo o dinheiro que tinha na cura do filho que andou doente. A Lu diz que gostaria de ter uma loja de modas, que fora sempre esse o seu sonho. A Ju diz que gosta de crianças. Diz que, no dia que procurar um emprego, vai ser para lidar com crianças. A Mauá diz que não tem jeito para nada. Foi educada para ser esposa e dar carinho que não se imagina a trabalhar e nem se quer envolver em tal situação (NHP, 2021, p. 102).

A narradora diz às mulheres que é necessário trabalharem e começa a ajudá-las na criação de seus negócios. Para Saly, empresta dinheiro para comprar cereais e vendê-los em copos nos mercados; para Lu, dá dinheiro para comercializar roupas de segunda mão; patrocina um salão de cabeleireiro à Mauá em sua varanda; e para Ju, auxilia nos negócios com bebidas. Todas as mulheres devolviam o dinheiro emprestado por Rami logo que conquistavam sucesso.

Certa vez a narradora acompanha Lu na venda de roupas e, no mercado, ouve as histórias contadas por diversas mulheres durante a refeição:

Um amor transformado em ódio, em raiva, em desespero, em trauma. Fui violada sexualmente aos oito anos pelo meu padrasto, diz uma. O teu caso foi melhor que o meu. Eu fui violada aos dez anos pelo meu verdadeiro pai. Ganhei infecções e perdi o útero. Não tenho filhos, não posso ter. Eu casei-me, diz outra. Fui feliz e tive três filhos. Um dia, o meu marido saiu do país à busca de trabalho e não voltou mais. Eu levava muita pancada, diz a outra. Ele

trancava-me no quarto com os meus filhos e dormia com outras no quarto do lado. Fui violada por cinco, durante a guerra civil, diz a outra. Este filho bonito que tenho nas costas nem sei de quem é. Cada vez que olho para esta pobre criatura, recordo-me daquele momento horrível em que pensava que ia morrer. A minha mãe morreu nos meus braços, diz outra. Foi espancada de uma forma brutal pelo meu pai e morreu a caminho do hospital. A partir dali nunca mais quis ver homem à minha frente. Nem quero trazer filhos ao mundo, para sofrerem os tormentos desta vida. O meu marido bebe, diz outra, bebe tanto que já nem trabalha. No fim de cada dia é só violência naquela casa. Quer o meu dinheiro para ir beber, mas eu não dou. Uma diz que é casada há doze anos e é feliz. Nunca teve problemas e vende no mercado para ajudar o marido, que ganha pouco. Outra diz que o marido era bom. Ela traiu-o. Foi apanhada em flagrante com outro (NHP, 2021, p. 103, 104).

Rami conta às mulheres a sua história e diz que Lu é sua irmã de amor. As mulheres começam a falar sobre seus homens e a narradora revela a elas que Tony sabia tudo o que ela fazia. As mulheres do mercado orientam Rami a não contar as coisas para o marido, a guardar o dinheiro escondido dele, a arranjar um amante e outros conselhos, como, por exemplo, fazer o *xitique*, isto é, um empréstimo para melhorar sua vida econômica.

Os negócios prosperam: a narradora e Lu vendem roupas usadas por seis meses, juntam dinheiro e montam uma pequena loja de trajes novos; Saly constrói uma loja para vender bebidas em atacado, além de ter um café e um salão de chá; Julieta também progride nos negócios e passa a vender bebidas também no atacado; Mauá abre um salão de cabeleireiro no centro da cidade, mas continua com a clientela na garagem de sua casa. A vida econômica de todas as mulheres de Tony cresce.

Capítulo 17

A sogra de Rami visita as novas noras e netos, conquistando a todos e fazendo campanha para que as mulheres de Tony sejam loboladas, isto é, conquistem um casamento tradicional ao lado dele, renegando os valores cristãos em que foi formada.

Tony regulariza a situação das cinco esposas e dos filhos, mas Rami, por ser a primeira, recebe a obrigação de tomar conta das demais, que lhe deveriam obediência. A narradora propõe uma escala conjugal, em que o marido ficaria uma semana com cada uma das esposas, servindo Tony de

joelhos, conforme manda a lei, além de ofertarem a ele as melhores partes da galinha, principalmente a moela.

Capítulo 18

O escalonamento conjugal funciona e Rami torna-se a comandante dele, questionando sempre as demais mulheres quanto às suas obrigações de esposas. No entanto, Tony sente-se cansado e não cumpre devidamente com suas obrigações matrimoniais, o que deixa as mulheres entristecidas e sentindo-se desprezadas.

A poligamia confere alguns direitos às esposas de Tony, como chegar a oferecer ao marido uma nova esposa. Mauá revela que Tony já anda com outra mulher, uma mulata:

— *Mulata? — diz a Ju, mais curiosa. — Não gosto de mulatas. Elas são a perdição dos nossos homens.*

— *Mulata “prova nhangana”, mulata de terceira — diz a Lu num tom de gozo. — Deve ser filha de um “branco de cacana”, branco da loja de caniço, lá dos confins dos subúrbios.*

— *Para quê esse racismo, agora? — perguntei eu mal-humorada.*

— *Mulata não é mulher?*

— *Mulatas são mulheres e mais: são especialistas em magias de amor. Elas são a tentação no paraíso. Vamos perder o Tony, vais ver. Diz, Mauá, ela é mais bonita do que nós?*

— *Melhor que nós ela não é, já disse — responde Mauá fungando —, é mais velha. Mais gorda, mais feia. Mas veste-se bem e tem um bom carro.*

— *Mauá, qual o estado civil dela?*

— *Ah, não, isso não se vê à distância.*

— *Poligamia é para mulher preta, não é para as mulatas, não — tranquilizo-as.*

— *Essa mulher só quer divertir-se à nossa custa, roubar-nos o Tony por uns tempos, comer-lhe o dinheiro e largá-lo quando estiver saciada.*

— *As mulatas de terceira são pretas e não se importam com a poligamia — argumenta a Lu —, o que elas querem é um poiso, para que o mundo diga: ela tem marido. É importante saber o estado civil dela. Se é casada, não há perigo nenhum. Se é solteira, não deve ser boa peça, mulher solteirona ao lado de um polígamo só pode ser caça-maridos ou caça-fortunas. Daqui a pouco ela engravida e exige estatuto. E seremos seis. Se ela é viúva, tem a herança do seu morto e só quer um momento de amor. Divorciada?*

Nunca se sabe o que anda na cabeça de uma divorciada, se passar o tempo, se caçar o bolso ou gozar a vida (NHP, 2021, p. 115).

As mulheres combinam que, no dia seguinte, Mauá e Lu iriam tentar pegar um flagrante de Tony, tarefa bem executada, inclusive com fotografias que comprovavam o delito do marido. Lu explica que a nova rival é separada de um político, o qual a rejeitou por ser estéril, o que deixa todas tristes, pois uma mulher que não pode ter filhos é condenada à solidão.

Frente à traição de Tony, as cinco esposas decidem aplicar um corretivo no marido.

Capítulo 19

As esposas convidam Tony para um jantar de família e, após a refeição agradável, elas questionam o marido com relação à forma como ele as vê:

— A Mauá é o meu franguinho — diz —, passou por uma escola de amor; ela é uma doçura. A Saly é boa de cozinha. Por vezes acordo de madrugada com saudades dos petiscos dela. Mas também é boa de briga, o que é bom para relaxar os meus nervos. Nos dias em que o trabalho corre mal e tenho vontade de gritar; procuro-a só para discutir. Discutimos. E dou gritos bons para oxigenar os pulmões e libertar a tensão. A Lu é boa de corpo e enfeita-se com arte. Irradia um magnetismo tal que dá gosto andar com ela pela estrada fora. Faz-me bem a sua companhia. A Ju é o meu monumento de erro e perdão. É a mulher a quem mais enganei. Prometi casamento, desviei-lhe o curso da sua vida, enchi-a de filhos. Era boa estudante e tinha grandes horizontes. É a mais bonita de todas vocês, podia ter feito um grande casamento. Da Rami? Nem vou comentar. É a minha primeira-dama. Nela me afirmei como homem perante o mundo. Ela é minha mãe, minha rainha, meu âmagô, meu alicerce (NHP, 2021, p. 121).

Lu pergunta a Tony se ele é realizado com as esposas que tem e, ao ouvir uma resposta afirmativa, ela questiona o motivo de ele ter procurado uma nova mulher, Eva.

As esposas revelam a Tony a insatisfação com seu comportamento e ele as humilha, dizendo que ser marido delas não lhes dá o direito de interferirem em sua vida. As esposas afirmam que a poligamia confere a

elas o direito de convocar um conselho de família, a fim de declarar a incapacidade conjugal do marido.

Tony, muito irritado, diz a elas que tinha dado-lhes estatuto de mulheres decentes e que, sem ele, elas precisariam vender o corpo ou mendigar amor na rua. Para a situação não sair do controle, as mulheres não respondem à afronta de Tony.

Saly diz que já era hora de descansar e convida todas a dormirem juntas naquela noite. Tony incomoda-se com as cinco mulheres deitadas no chão, coberto de esteiras, para onde elas o arrastam e despem-se, dirigindo-se sexualmente até ele que, assustado e com medo, acredita ser uma situação atrativa de mau agouro, indicando uma desgraça prestes a ocorrer.

Então, Tony conta que Eva é uma simples amiga, uma diretora de empresa muito rica, mas uma pobre mulher porque não tem marido, nem filhos, e ele, em esmola, deu-lhe sua companhia. A narradora reflete:

Estávamos todas ali, cinco mulheres, cinco cabeças, cinco sentenças, acusando, exigindo, castigando. Éramos o solo fértil não cultivado, não adubado nem regado onde o sementeiro um dia lançou a semente e o abandonou em busca de novas conquistas. Quando não se pode ter um homem por completo, mais vale dividir que perder. Ah, meu bom Jesus, tu que fizeste o milagre da multiplicação dos pães, venha de novo e multiplica também os homens. Multiplica também o Tony em cinco, um para cada uma. Cientistas de todo o mundo, clonai o meu Tony para que deixe de ser um quinhão, dividido como uma còdea de pão (NHP, 2021, p. 127).

Tony grita para a narradora para que fossem embora para casa. Os dois partem, ele vomita por causa da bebedeira, Rami o leva ao banho, depois o coloca na cama, onde ele adormece atormentado com a nudez coletiva de suas esposas. Ela reflete:

Nudez de mulher é bênção, maldição, protecção. Há muitos relatos de mulheres nuas acompanhando os guerreiros na hora do combate. Dizem que, durante a guerra civil, os comandos ferozes, armados até aos dentes, levavam sempre uma mulher nua com missangas na cintura à frente do pelotão. Ela avançava, destemida, e exibia-se. O inimigo via-a. Acobardava-se. Desmoraliza-se, porque ver uma mulher nua antes do grande combate significa derrota e morte. O fim do mundo. Nas suas manifestações, os naparamas levam sempre uma mulher nua à frente, seu escudo e protecção.

Mulher é maldição, mesmo vestida. Os caçadores de grandes feras interrompem a marcha para a grande caçada quando lhes bate o infortúnio de se cruzarem com uma mulher dirigindo-se ao trabalho. Mulher é também bênção. O grande tocador de timbila só se inspira e transmigra até ao além quando a mulher se senta do seu lado, qual deusa, qual musa inspiradora. Muitos desportistas recebem a bênção da mulher nua, na partida para uma importante partida de futebol. As mulheres dançam nuas no lugar escondido no dia do funeral para abominar a morte.

Mbelele é dança de mulheres nuas para atrair a chuva. Dançar nua ao lado de um moribundo atrai a morte.

Povo africano, povo nu. Povo de tangas, de pobreza. Povo simples, ligado à natureza. Em África o calor vem do sol e da alma. Por isso as mulheres se desnudam e se refrescam nos rios lavando roupa. Nos campos, elas andam de mamas ao léu, semeando, colhendo, sachando. Oh, mãe África, mãe nua! Como pode a nudez das tuas filhas ser mais escandalosa que a tua, mãe África? (NHP, 2021, p. 128, 129).

Capítulo 20

Tony convoca um conselho de família, no qual reclama da conduta das esposas. Ele diz a todos que suas mulheres são maldosas e valem-se de feitiçarias, conspirando contra ele. A mãe de Tony diz que nunca houve conselho de família quando ele tinha apenas Rami como esposa e que, agora, ele deveria aguentar, pois o feitiço virara e o feitiçeiro era ele.

A tia de Tony começa a questionar as mulheres com relação a elas cumprirem com suas obrigações de esposas e elas confirmam que fizeram tudo conforme mandam as regras da poligamia. Saly diz que sempre compra moelas e prepara-as para Tony, mas um velho parente afirma que ela deveria ir ao aviário, depenar a galinha e prepará-la carinhosamente para o marido. A mãe de Rami entristece, pois se lembra de que sua irmã morrerá por causa de uma moela de galinha.

As mulheres de Tony calam-se, mas Mauá resolve protestar dizendo que, embora elas não tenham cometido crime algum, estavam sendo condenadas. O conselho familiar escuta a história da orgia frustrada e dá razão a Tony, pois consideram o comportamento das mulheres um grande erro.

Uma das tias de Tony diz a Rami que ela é a culpada por tudo o que está acontecendo, pois dá mau exemplo às esposas mais novas. Rami

protesta, alegando ter sido sempre uma esposa dedicada ao marido, o que Tony confirma acrescentando que as mulheres o tratam bem em casa e nunca o traíram.

Uma das tias de Tony alerta as mulheres para que não sejam como Vuyazi, a princesa que desobedeceu ao rei, seu pai, e ao marido, fazendo apenas o que desejava: se ela era espancada, retribuía as pancadas; comia as moelas que eram destinadas ao marido; não desmamara a filha quando ela fizera um ano, conforme era desejo do marido e não o servia de joelhos. Ele, cansado da insubmissão da esposa, apelou à justiça do rei, que ordenou ao dragão um castigo para a filha. O dragão, num dia de trovões, levou Vuyazi para o céu e a estampou na Lua para ser um exemplo de castigo para todas as mulheres. Quando a Lua está cheia, vê-se uma mulher no meio dela, com um bebê às costas: é Vuyazi. Por esse erro, as mulheres, uma vez por mês, menstruam e choram, pois ficam impuras, castigadas pela insubmissão de Vuyazi.

Tony agradece a presença de todos e alerta que, caso ele morra, foram as esposas que lhe deram azar. Após a conversa, todos começam a comer de uma maneira selvagem. Rami considera que a atitude das esposas foi uma forma de elas conhecerem como Tony é frouxo e que, quando está em apuros, corre para a família como uma criança. A narradora pergunta às mulheres se elas não exageraram na orgia e Mauá afirma que até estava preparada para dançar o *niketche*.

Enquanto as mulheres lavam a louça, Ju conta que, na sua terra, quando uma menina nasce é anunciada com três salvas de tambor e o rapaz, ao nascer, ganha cinco. Além disso, o nascimento de uma menina é celebrado com uma galinha e o de um rapaz é comemorado com uma vaca ou com uma cabra em cerimônias que, para festejar o nascimento de um homem, são feitas dentro de casa e, para o de uma mulher, são feitas ao relento. As mulheres são criadas para cozinhar, enquanto os rapazes estudam. Na aldeia de Ju, a função de uma mulher é agradar o homem até morrer. Rami conclui que as quatro esposas de Tony são suas aliadas.

Capítulo 21

Rami sente-se como uma viúva com a distância de Tony, mas recusa a possibilidade de separar-se dele, já que teme a solidão. Repentinamente, Tony chega em casa dizendo que eles irão se divorciar, como forma de vingança por ela ter instigado as outras esposas a praticarem atos maldosos

contra ele. Tony deseja colocar Rami na mesma condição das demais, isto é, não ser esposa de papel passado.

A narradora recusa-se a aceitar o divórcio, mas Tony diz que irá assiná-lo, rebaixando a esposa:

[...] Mas eu sou um galo, tenho a cabeça no alto, eu canto, eu tenho dotes para grandes cantos. Pois saibam que o vosso destino é cacarejar, desovar, chocar, olhar para a terra e esgaravatar para ganhar uma minhoca e farelo de grão. Por mais poder que venham a ter, não passarão de uma raça cacarejante mendigando eternamente o abraço supremo de um galo como eu, para se afirmarem na vida. Vocês são morcegos na noite piando tristezas, e as vossas vozes eternos gemidos (NHP, 2021, p. 144).

Capítulo 22

O advogado de Tony chega à casa de Rami com os papéis do divórcio, mas ela se recusa a assinar o documento. Como o advogado insiste, a narradora acerta um tapa no rosto dele:

— *A senhora me paga!*
— *Pago, sim. Pago bom preço. Pago bem e pago já!*
— *Sou um homem da justiça.*
— *Que justiça? Vai, diz ao Tony que o matarei e que te matarei a ti também se voltarem a molestar-me. Homem da justiça, que justiça? Vai, diz ao Tony que o aguardo com um punhal na mão. Que venha! Dou-lhe mais um arranhão. Se ele retribuir a agressão haverá confusão, prometo. A sua cabeça e o seu emprego serão postos em causa. (NHP, 2021, p. 147).*

Capítulo 23

Rami pergunta ao espelho o que será dela e ele responde:

— *Não serás a primeira a divorciar, nem a última. Os divórcios acontecem todos os dias, como os nascimentos e as mortes, mas tranquiliza-te. Há uma grande diferença entre a vontade do homem e a vontade de Deus. O que Deus põe, o homem não dispõe.*
— *E qual é a vontade de Deus, espelho meu?*
— *E qual é a tua vontade, gémea de mim?*
[...]
— *Espelho meu, sou uma bilha de barro fendida no meio e já não retenho água. Sou sapato gasto no meio da sola que já não serve*

para marcha nenhuma. Sou uma falhada. Sou uma frustrada. Uma mulher abandonada por incompetência conjugal. Uma velha. Um trapo. Um traste.

— Mas o mundo não começa contigo, gêmea de mim. Não termina contigo. Há neste mundo mulheres sofrendo muito mais do que tu. Se o divórcio se consumir é porque estava escrito no livro da vida que tu e o Tony não morreriam juntos (NHP, 2021, p. 159, 160).

A notícia do divórcio se espalha e as quatro esposas de Tony vêm conversar com Rami. Saly recomenda à narradora que não aceite a separação sem lutar. Lu afirma que se ela se divorciar, Tony abandonará as outras esposas também. Ju diz que sua segurança é Rami e, se ela sair do grupo, será seu fim. Mauá fala que, na sua terra, quando o amor ou o prazer falha, muda-se de parceiro.

As mulheres relatam suas experiências amorosas e a maneira como as mulheres do Norte e do Sul de Moçambique agem frente aos relacionamentos, mas é o argumento de Lu que dói na narradora:

— O Tony perdeu o tino — acusa a Lu. — Gastou-te, envelheceu-te e agora quer mudar de paisagem? Ele não pode deixar-te, assim. Tu conseguias segurá-lo. Contigo aprendemos a lição da partilha e conseguimos controlar os seus movimentos. Fizemos progressos. Investimos as nossas forças em coisas úteis, produtivas. Até conseguimos ter negócios e agora vivemos bem. Pensa em nós, Rami (NHP, 2021, p. 153).

Lu pergunta a Rami qual magia ela faz para prender Tony e, ao ouvir da narradora que não se vale de recursos mágicos, as mulheres contam à Rami suas técnicas para que não sejam abandonadas por Tony, aconselhando a narradora a praticar algumas delas. Mauá afirma:

— Bendita hora em que Deus me fez mulher—diz a Mauá. — As mulheres foram feitas para o amor e não para o sofrimento. Posso comer sem trabalhar, que o Tony dá-me tudo o que quero, porque ele é meu escravo.

Dói-me esta revelação. O meu marido é sugado por mulheresanfíbios. Mulheres com escamas. Mulheres lulas. Mulheres polvos. Elas vêm do mar e habitam a terra, meu Deus, elas acabaram comigo, derrubaram o meu casamento. Venceram-me. Estou perdida. Agora compreendo por que é que os ritos de iniciação foram combatidos, mas, mantidos em segredo, sobreviveram durante séculos como sociedades secretas. Homem

que passa por essa escola sabe amar. Mulher que passa por essa escola encanta, enlouquece, vive, vibra (NHP, 2021, p. 158).

Capítulo 24

A narradora faz uma longa reflexão sobre o papel das mulheres no mundo e o que uma vagina falaria se pudesse se expressar:

[...] As mulheres são um mundo de silêncio e de segredo.

[...]

A linguagem do ventre é a mais expressiva, porque se pode ler, na multiplicação da vida. A linguagem das mãos e dos braços é também visível. Segurando um recém-nascido. Segurando um bouquet de flores no dia do casamento. Segurando uma coroa de antúrios na hora do funeral do seu amor. E a linguagem do coração? Ausente muralha de diamante. Silêncio de sepultura. Ausência impenetrável.

E a linguagem da...? Se a... pudesse falar que mensagem nos diria? De certeza ela cantaria belos poemas de dor e de saudade. Cantaria cantigas de amor e de abandono. Da violência. De violação. Da castração. Da manipulação, em cada ciclo. Dir-nosia a história da primeira vez. No leito nupcial. Na mata. Em baixo dos cajueiros. No banco de trás do carro. No gabinete do Senhor Director. À beira-mar. Nos lugares mais incríveis do planeta. Ah, se as... pudessem falar! Contar-nos-iam histórias extraordinárias do licão, o canivete da castidade. O que nos contariam as... medievais que conheceram o cinto da castidade? O que nos dirão as excisadas? O que nos dizem as que celebram as orgias xi-maconde, xi-sena, xi-nyanja? As... que desafiaram o licão em silêncio, morreram com os seus segredos. As... xi-ronga e xichangana contam histórias de espantar, dos bacanais do canho, afrodisíaco divino, nas festas da fertilidade (NHP, 2021, p. 161).

Rami vai à rua, senta-se num banco e começa a ouvir as histórias das vaginas, todas elas relatando sofrimento, dor, abandono e conclui:

Sorrio. A... é fantástica. Fala todas as línguas do mundo, sem falar nenhuma. É altar sagrado. Santuário. É o limbo onde os justos repousam todas as amarguras desta vida. É magia, milagre, ternura. É o céu e a terra dentro da gente. É êxtase, perdição, redenção. Ah, minha..., és o meu tesouro. Hoje tenho orgulho de ser mulher. Só hoje é que aprendi que dentro de mim resides tu, que és

o coração do mundo. Por que te ignorei todo este tempo? Mas por que é que só hoje aprendi esta lição? (NHP, 2021, p. 165, 166).

Capítulo 25

A narradora vai conversar com a mãe para desabafar sobre o que está passando e contar-lhe do divórcio:

— Ele deixa-me por causa dos feitiços das outras, mãe. Cada uma delas faz de tudo para me fazer desaparecer e ficar no meu trono. A quantidade de feitiços que elas me contam, ai, mãe, se pudesses ouvir.

— Levanta a cabeça e sorria, minha filha. Feitiço tens tu, nesse coração. Tu foste namorada, lobolada, casada, conforme as regras. Feiticeira és tu que casaste virgem e manchaste os lençóis brancos na noite de núpcias. Essas outras mulheres, o que são? Olho para ela com espanto. Subir ao altar é o sonho de qualquer mulher. Eu realizei-o. Esse homem que hoje me abandona foi em tempos o mais cobiçado. Conquistei-o. Tive-o. Consumi-o. Deu-me cinco filhos. Afirmei-me. Tenho a protecção da lei, as outras não têm nada. Tenho mais sorte que elas, sim (NHP, 2021, p. 168).

Capítulo 26

Rami, ao dirigir-se à pé para o trabalho, ouve a sirene de uma ambulância que vai em direção a um acidente, no qual um homem, todo ensanguentado, foi mortalmente atropelado por um caminhão.

Ao chegar em casa, depois de um exaustivo dia de trabalho, a narradora adormece, mas desperta às duas horas da madrugada com um telefonema de Saly, perguntando-lhe se sabia por onde andava Tony, que não estava na casa de nenhuma das demais esposas.

Rami vai à residência de Saly, onde estavam também as outras mulheres e dois irmãos de Tony. Todos saem em busca dele, preocupados, principalmente, porque Tony havia saído de casa de calção e chinelo, sem levar o carro e os documentos, mas ninguém o encontra.

Capítulo 27

As cunhadas da narradora chegam à sua casa, informam-na de que Tony morrera e começam a preparar a cerimônia de viuvez de Rami,

desmontando os móveis do quarto dela, cobrindo a mobília com lençóis brancos, vestindo-a de preto, rapando-lhe os cabelos e colocando-lhe um véu na cabeça.

Rami arrepende-se de não ter assinado o divórcio, mas não reage às atitudes das cunhadas. Começam a chegar várias pessoas e, finalmente, informam à narradora que Tony morrerá atropelado na ponte.

A narradora lembra-se de que vira o morto atropelado, o qual nada de semelhante tinha com Tony, mas se cala. Muitas pessoas choram, menos a narradora. As demais esposas de Tony também chegam à casa de Rami. Todas conversam sobre a pressa da família de Tony em declará-lo morto. Lu argumenta:

— *Há traição nesta história — desabafa a Lu —, alguém nos quer envenenar, eu sinto. Alguém está a cuspir na nossa cara. Alguém está a afiar as garras para o grande saque. Meninas, preparem-se. O momento que se segue é de sangria. Alguém está a farejar a herança que esta morte traz.*

— *A sangria já começou. Chamaram-nos já feiticeiras, piranhas, prostitutas, interesseiras — desabafa a Saly —, um dos irmãos do Tony não para de nos olhar, como se estivesse a medir-nos, a planejar alguma coisa. Ele retalha-nos com os olhos.*

— *Por vezes, a morte aparece sem aviso — diz a Mauá, que até aqui estivera calada. — Mas antes da morte há sempre um pequeno pressentimento. Um sonho mau, um olho tremelicando, uma cobra atravessando o caminho, um gato preto miando na noite, um morcego piando no escuro, um remoinho de vento erguendo as folhas para o céu, enfim. Mas não houve nada, nada!*

— *Eu tenho pombos no meu quintal — explica a Ju —, os pombos avisam a morte à distância, não falham. Quando há uma morte em casa, eles poisam no solo num arrulhar ensurdecador e, em revoada, batem em retirada e não voltam mais. Mas os pombos do meu quintal arrulham alegremente. Alguma coisa não está a correr bem, Rami, não sei o que é (NHP, 2021, p. 174, 175).*

Lu destaca a diferença de comportamento dos habitantes do Sul aos do Norte de Moçambique, quanto à cerimônia do velório:

— *Ah, vocês, gente do sul — aponta a Lu numa voz acusatória. — Sou sena. Entre nós, os sena, a morte é íntima. Tão íntima como o beijo, como o amor, como o nascimento. A morte diz respeito a um núcleo apenas. Os parentes e amigos apresentam pêsames mas não se detêm para não serem conspurcados pelo espectro da morte.*

Aqui no sul, a morte é celebração, é festa. Uma oportunidade boa para comer sem pagar. Com a elevada mortalidade que há, conheço gente que anda de funeral em funeral, a cantar, chorar, comer e engordar sem a menor despesa. Digam-me vocês todas. Quem vai encher as panças de toda essa gentinha? (NHP, 2021, p. 175).

As cinco esposas de Tony, acompanhadas pelos irmãos dele, chegam ao necrotério. Rami, ao olhar o corpo desfigurado do atropelado, nota nele a ausência de uma cicatriz atrás da orelha, originária de uma garrafada que ela dera na cabeça de Tony durante uma briga, concluindo que aquele homem não era seu marido.

A narradora diz à sogra que não fora Tony que morrera, mas a mulher considera esta negativa como uma maneira de não aceitar a morte do marido. Rami desiste de falar aos demais que o morto é outra pessoa e deixa que enterrem o suposto Tony.

Capítulo 28

A família de Mauá vem exigir os direitos dela, conforme os ditames da tradição macua, em que a mulher viúva tem direitos na herança do falecido. Chega, também, a família maconde de Saly com o mesmo propósito. O irmão mais velho de Tony afirma que a poligamia tem regras próprias no Sul que são diferentes das do Norte moçambicano, e que a viúva verdadeira é Rami, e nem Ju tem os mesmos direitos, pois entrou para a família sem o conhecimento do conselho familiar. Os ânimos se exaltam e o tio de Mauá diz:

[...] — Gostaríamos de declarar que as macuas e as macondes não são gado para serem maltratadas. Viemos avisar que não devem tocar num centímetro da pele das meninas. Não queremos ouvir falar desses vossos rituais de cortar cabelo e fazer vacinas (NHP, 2021, p. 178).

O irmão de Tony defende sua posição e o debate continua:

— Vocês são do norte, e tratem das vossas coisas nas vossas casas, que nós, do sul, temos as nossas tradições — responde o irmão do Tony — Não nos venham aqui dar ordens porque vocês, macuas, não são homens. Na vossa terra as mulheres é que mandam. Onde

já se viu um homem casar e ir viver na família da mulher? Onde já se viu um homem trabalhar a vida inteira para abandonar o produto do suor nas mãos dela, quando morre ou quando há separação?

— As mulheres são flores, devem ser bem tratadas. As mulheres são fracas, devem ser protegidas. Quem melhor que a família da mãe para dar carinho e protecção? Quando morre o marido, a casa fica com ela e com os filhos. Afinal foi construída para eles.

— Vocês, do norte, são escravos delas. Trabalham a vida inteira só para elas. Até os filhos têm o apelido da mãe. Que tipo de homens vocês são?

— E vocês do sul são brutos, tratam as mulheres como bichos. Alguém, neste mundo, sabe quem é o verdadeiro pai dos filhos da mulher? O senhor, que tanto nos insulta, tem a certeza de que os filhos que diz serem seus o são, de certeza? Na nossa terra os filhos têm o apelido da mãe, sim. Pai é dúvida, mãe é certeza. Um galo não choca ovos, nunca. É bom dar a César o que é de César (NHP, 2021, p. 179).

A discussão se acirra:

— Xingondos atrasados! Macondes tatuados! Metam-se na vossa vida e deixem-nos com a nossa!

— Machanganas brutos, desumanos, bárbaros e grosseiros. Vocês não são humanos, assassinam as vossas mulheres. Não têm respeito pelas vossas próprias mães.

— O Tony é culpado de tudo isto. Com tantas mulheres bonitas que há no sul, que necessidade tinha de ir buscar essas nortenhas confusas?

— Mulheres bonitas só no norte, seus machanganas! As nortenhas são leves e livres. As nortenhas são belas. As vossas mulheres são pesadas, são grossas, têm o rabo grande de comer tanto amendoim!

[...]

— Vão à fava, seus xingondos com as vossas mulheres preguiçosas. Passam a vida a pintar-se. A pentear-se. E vocês, escravos delas, sempre a suportar caprichos dessas mulheres, sempre a comprar ouro, panos, roupas novas. Vocês não são nada. Vocês não têm poder nenhum e nem mandam na vossa própria casa.

— Ai é que se enganam. As nossas mulheres são trabalhadoras. Cuidam da casa, varrem o quintal, lavam a roupa, destilam boa aguardente para nós, seus maridos, buscam a água na fonte e preparam o nosso banho, são boas na cozinha e na cama também. Nós investimos na beleza delas. Investimos no seu repouso e todo o mundo se encanta com as mulheres da nossa terra. Perguntem aos

árabes que chegaram primeiro às terras macuas, ancoraram os barcos e ficaram de vez. Perguntem aos portugueses que por lá passaram e se apaixonaram mortalmente pelas negras mais lindas da superfície da terra. Perguntem aos franceses que lá estão e que ficaram ofuscados, enlouquecidos, apaixonados pela beleza das nossas macuas, até perderam o caminho do regresso. Perguntem aos padres que abandonaram as batinas e morreram de amor pelas macuas da nossa ilha. Perguntem ao vosso Tony, que abandonou a família e se perdeu nos encantos da nossa Mauá. As nossas mulheres são educadas para a vida e para o amor. Elas são a brisa, a flor, o amor perfeito.

— Isso tudo é conversa, xingondos desgraçados. Vocês investem nas mulheres? Que tipo de investimento?

— Investimos, sim. Porque a mulher é terra. Sem adubar, sem regar, ela nada produz⁸. Enquanto vocês batem nelas, pisam nelas, nós as enfeitamos, amamos e cuidamos como plantas do mais belo jardim (NHP, 2021, p. 180, 181).

A narradora conclui o capítulo afirmando que

Nortenhos ou sulistas, cada um quer ser mais alto e chegar primeiro ao umbigo do céu. Cada um quer ser garça, falcão, albatroz, para alcançar mais depressa o alto do monte onde ainda pende um cacho de banana e uma galinha assada no braseiro do mundo (NHP, 2021, p. 182).

Capítulo 29

Rami é chamada para mais uma reunião de família, juntamente com Julieta. Os familiares de Tony acusam a narradora de ser a responsável pela morte de seu marido, afirmando que ele só arrumou mulheres fora do casamento porque ela não o satisfazia, além de ela ser uma feiticeira que juntou todas as esposas e as instigou à prática do mal. Rami ouve todas as acusações e responde positivamente a cada uma delas.

Assim, segundo eles, é necessário proceder ao *kutchinga*, uma purificação sexual em que a viúva é entregue ao cunhado, com quem terá relações íntimas. Os olhos dos cunhados brilham com a expectativa de qual deles será o escolhido para o ato sagrado. Para Rami:

⁸ Observe-se a retomada do provérbio zambeziano, epígrafe do livro.

Kutchinga é lavar o nojo com beijos de mel. É inaugurar a viúva na nova vida, oito dias depois da fatalidade. Kutchinga é carimbo, marca de propriedade. Mulher é lobolada com dinheiro e gado. É propriedade. Quem investe cobra, é preciso que o investimento renda. De repente me vem uma pergunta louca: existirá alguma mulher que, no acto de kutchinga, gemesse de prazer? Mas nem tudo é mau. No meio desta desgraça, há uma coisa boa. Com a falta de homens que dizem haver, é bom saber que a viuvez me reserva um outro alguém, mesmo que seja de vez em quando. É confortante saber que tenho onde encostar o meu ombro sem precisar de andar pelas ruas a vender os meus encantos diminuídos pelo tempo. Incesto? Incesto não, apenas levirato. Incesto só há quando corre o mesmo sangue nas veias (NHP, 2021, p. 184).

Capítulo 30

Eva vem visitar Rami. Ela apresenta-se como uma amiga de Tony e diz que não acredita em que ele tenha morrido, pois, naquele mesmo dia, no qual acontecera o acidente, ela levava Tony ao aeroporto para uma viagem de férias a Paris. A narradora pergunta a Eva qual seria o interesse dela nessa história e ouve-lhe a explicação:

— Tenho as minhas razões. Primeiro, fui eu que sugeri ao Tony esta viagem para ir consultar um médico por causa daquele problema do joelho. Tratei de tudo, desde as reservas de voos, hotéis, consultas. Quando tudo está pronto, carrega na bagagem outra mulher, para a lua de mel. A tal Gaby. Segundo, eu não sabia que ele tinha tantas mulheres. Conhecia apenas a Mauá, a quem ele me convenceu ser a única e a legítima esposa. Descobri que ele mentia. Fiquei muito magoada (NHP, 2021, p. 186).

Rami chora e é confortada com um abraço de Eva, a qual relata também que as outras mulheres de Tony foram-na procurar, comunicando a morte dele e fazendo exigências, pois, como amante de Tony, ela deveria participar no luto. Eva, então, resolveu, dentre as opções que lhe foram apresentadas por Lu, Saly e Mauá, levar os alimentos para o velório.

Eva reafirma à Rami ser apenas uma amiga de Tony e ter os documentos da viagem comprovando que ele não morreu no acidente. A narradora diz que não lhe darão ouvidos e, tirando o lenço que encobre a cabeça rapada, afirma:

- *Fizeram-me isto porque sou viúva. Porque é tradição. Banharam-me com óleos e sebos que cheiram a fezes. Meteram-me num quarto cheio de fumos de incenso e outros cheiros estranhos que pioraram a minha sinusite. Rasgar am-me a pele com lâminas para esfregar pomadas ardentes cujos efeitos desconheço.*
- *Já te raparam o cabelo, Rami. Agora vão fazer o pior.*
- *Que façam.*
- *Esses machanganas têm a tradição de expulsar a viúva e os órfãos da sua casa.*
- *Que me expulsem. De resto nem sou viúva.*
- *Hão-de fazer-te essa tal coisa de kutchinga.*
- *Que me tchinguem. De resto, estou mesmo a precisar de um momento de amor. Sei até com quem vai ser.*
- *Quem?*
- *Olha para os homens ali sentados. Vês algum com auréola de nobreza?*
- *O de camisa azul?*
- *Esse mesmo.*
- *Meu Deus!*
- *Assustou-te?*
- *Pelo contrário, inspirou-me. É um monumento de diamante, esse homem. Se toda aquela beleza tivesse acções na bolsa de valores, comprava-as todas, eu juro. Se ele estivesse em leilão, pagava o preço mais alto, só para ele ficar comigo, para uma noite de amor. Se pudesse, comprava até o chão que ele pisa. Serás bem servida, estás de parabéns, Rami (NHP, 2021, p. 187, 188).*

Rami conta a Eva como era sua vida de casada e tudo o que fizera para manter o marido ao seu lado e Eva, afirmando que Tony é um louco, diz que ele merece uma boa lição e a oportunidade era boa para recebê-la.

Capítulo 31

Chega o dia do funeral de Tony. Nele, as cinco esposas, todas vestidas de preto, estão presentes, além de várias outras pessoas e mulheres chorando desesperadamente, o que faz Rami pensar:

O teatro é muito melhor do que eu imaginava. Há muitas mulheres chorando. Viúvas somos apenas cinco. Quem serão estas lindas carpideiras, que rebentam os meus tímpanos com gritos selvagens? Namoradas ou amantes do Tony? O cemitério é o lugar onde não se esconde dor nenhuma e elas gritam à vontade, para libertar a

dor dos próprios corpos, o cemitério é a morada final. A morada feliz. Eu também choro, com muita classe e em silêncio. Choro por aqueles que choram pela perda que não há.

[...]

A multidão lança gritos de bradar aos céus. É um oceano de desespero. Quem quer que seja o morto enterrado, teve um funeral condigno, com lágrimas que não eram suas. Eu estou serena, derramo uma lágrima apenas, para não estragar a minha pose. Olho para o Levy com olhos gulosos. Ele será o meu purificador sexual, a decisão já foi tomada e ele acatou-a com prazer. Dentro de pouco tempo estarei nos seus braços, na cerimônia de kutchinga. Serei viúva apenas por oito dias. Sou um pouco mais velha que ele, mas sinto que vai amar-me e muito, pois apesar desta idade e deste peso tenho muita doçura e muito charme. Daqui a oito dias vou-me despir. Dançar niketche para ele, enquanto a esposa legítima morre de ciúmes lá fora. Vou pedir a Mauá para me iniciar nos passos desta dança, ah, que o tempo demora a passar! Deus queira que o Tony só regresse a casa depois deste acto consumado (NHP, 2021, p. 190 a 192).

Capítulo 32

A cerimônia do *kutchinga* é preparada pelas mulheres, que acendem uma fogueira e colocam folhas verdes em um pote grande. Uma das tias de Tony vai buscar Rami, a qual ainda estava deitada, puxando-a com força. A narradora procura pelo espelho e descobre que o retiraram da casa também.

Rami é despida com violência e colocada num banho de vapor com as mulheres esfregando seu corpo com as ervas, quase esfolando sua pele. A narradora é coberta por um lençol branco, arrastada para um quarto cheio de fumaça e incensos, com o chão forrado de folhagens, e deixada nua naquele ambiente:

Sinto alguma coisa quente tocando no meu ombro. É uma mão. Um braço. Sinto o cheiro de homem. Uma corda arrebatava-me pela cintura. É o outro braço que me enlaça, que me rapta. Chegou a hora do kutchinga, a tradição entrega-me nos braços do herdeiro. Por que não me disseram elas que era hoje? Para quê todo este segredo, esta surpresa? Não tenho nada do meu ser. Nem desejo, nem sombra. Se eu recuso este acto me tiram tudo, até os filhos, e fico de mãos vazias. Nada deste mundo é meu e nem eu mesma me pertence. Ele dá-me um beijo pequeno. Um beijinho suave e incendeia-me toda com a sua chama. As suas mãos macias tocam

o tambor da minha pele. Sou o teu tambor, Levy, toca na minha alma, toca. Toca bem no fundo do meu peito até que morra de vibração, toca. Ai meu Deus, sinto leveza no meu corpo. Sinto um rio de mel correndo na minha boca. Meu Deus, o paraíso está dentro do meu corpo. Tenho fogo aceso no meu forno, eu ardo, eu enlouqueço, eu me afundo. Mergulhamos fundo na leveza das ondas. Sobre nós cai a chuva luminosa das estrelas-do-mar. Os peixes-voadores emprestam-nos as suas asas e voamos no profundo do oceano. A terra é um lugar amargo e distante. Sinto que vou morrer nos braços deste homem. Eu quero morrer nos braços deste homem. Amor de um instante? Que seja! Vale mais a pena ser amada um minuto que desprezada a vida inteira (NHP, 2021, p. 194, 195).

Capítulo 33

Finalmente, Tony volta para casa, encontra-a vazia e pergunta à Rami o que ocorrera durante sua ausência. Ela lhe conta aos poucos o que houve e ele quase chora:

— *Vi a tua morte e fui ao teu funeral — desabafo. — Usei luto pesado. Os malvados da tua família até o meu cabelo raparam. Até o kutchinga, cerimónia de purificação sexual, aconteceu.*

— *O quê?*

— *É a mais pura verdade.*

— *Quando?*

— *Há poucas horas, nesta madrugada. Sou tchingada de fresco. Ele olha para o relógio. São dez horas da manhã.*

— *Quem foi o tal?*

— *Foi o Levy*

— *Não reagiste, não resististe?*

— *Como? É a nossa tradição, não é? Não me maltratou, descansa. Foi até muito suave, muito gentil. É um grande cavalheiro, aquele teu irmão.*

Falo com muito prazer e ele sente a dor de marido traído. No meu peito explodem aplausos. Surpreendo-me. Sinto que endureci nas minhas atitudes. O meu desejo de vingança é superior a qualquer força deste mundo.

— *És uma mulher de força, Rami. Uma mulher de princípios. Podias aceitar tudo, tudo, menos o kutchinga.*

— *Ensinaste-me a obediência e a submissão. Sempre te obedeci a ti e a todos os teus. Por que ia desobedecer agora? Não podia trair a tua memória.*

— *E agora?*

— Ah, Tony! Estou magra, desfigurada, acabada. Careca. Raparamme o cabelo com navalha, como uma reclusa. Deserdaram-me de tudo como uma criminosa. Na cabeça rapada colocaram-me uma coroa de espinhos. Deram-me um trono de espinhos. Um cetro de espinhos. Varreram a casa e deixaram este tapete de espinhos. No princípio a sua voz era forte e tinha fogo como um dragão. Incendiária. Agora perdeu o tom e fala baixinho. Não consegue acreditar naquilo que lhe oferece este terrível mundo.

— Rami, tu sabias que não era eu, tu sabias.

— Sabia, sim. Mas quem me iria ouvir? Alguma vez tive voz nesta casa? Alguma vez me deste autoridade para decidir sobre as coisas mais insignificantes da nossa vida? O que querias tu que eu fizesse? (NHP, 2021, p. 196, 197).

Tony pergunta pelas demais esposas e Rami lhe diz que estão todas desorientadas, mas planejando outros casamentos, embora os irmãos de Tony as tenham visitado com frequência para prestar condolências. Ele questiona à narradora o motivo de ela não ter alertado a polícia do erro que estava sendo praticado e ela lhe responde que tentou avisar os superiores dele, mas ninguém lhe deu atenção. Tony revolta-se por terem tirado tudo de sua casa e feito seus filhos dormirem no chão, mas Rami diz que assim é a tradição. Tony chora.

O marido, ex-defunto, aproxima-se da narradora para abraçá-la, mas ela o afasta, dizendo que é uma viúva e ele, um fantasma:

Antes era eu que pedia abraços. Ele negava. Agora sou eu quem recusa, este nosso amor é doido, jogo de gato e rato. Consumi a vida inteira à procura deste instante, para tê-lo bem embalado nos meus braços. Ele está aqui à minha frente. Desprotegido. Maltratado. Carente. Já não o quero, nada mais me apetece, tudo morreu para mim. Ele não se conforma. Implora-me, segura-me, sacode-me e toma-me à força como um violador na floresta deserta. Resisto. Preparava-me para ser divorciada e agora sou viúva por engano. Ele não desiste. Agora fala-me de amor. Recorda-me os momentos de felicidade que tivemos. Fala dos problemas que sempre tivemos e que lhe soube perdoar. Amar é deixar o coração bater no mesmo compasso — digo eu. Caminhar no mesmo passo. Olhar para o horizonte no mesmo ângulo. Amor são dois pratos da mesma balança, cada um levantando o outro até ao equilíbrio divino (NHP, 2021, p. 199).

[...]

— Tu não vais a lugar nenhum.

— Vou, sim.

— *Para a casa desse tirano vais por cima do meu cadáver. Ainda se fosses à casa da tua mãe, podia admitir.*

— *Deram-nos prazo de trinta dias para abandonar esta casa, o que queres tu que eu faça?*

— *Rami!*

— *Tu és um morto, Tony, não vês?*

— *Vou recuperar tudo, Rami, até ao último grão de pó. Vou trabalhar de novo. Cuidar de ti. Não precisas de andar perdida por esse mundo, não.*

— *Nada me interessa, nem tu, nem a casa, nem nada. Em cada compartimento vejo a imagem da tua morte. Não quero mais voltar a esta vida. Vou recomeçar. Tenho cabelo branco neste couro, mas na alma uma grande força. Vou recomeçar* (NHP, 2021, p. 202).

— *Perdoa-me.*

— *Não me peça perdão a mim. Peça-o a Deus e a ti próprio. Eu não sou nada. Quero que fiques bem com as tuas mulheres, amantes, concubinas. Desejo-te todas as mulheres do mundo, menos eu. Felicidades!* (NHP, 2021, p. 202).

Tony olha para Rami e os filhos e começa a chorar. A campainha toca.

Capítulo 34

As demais esposas de Tony chegam para verem o ex-morto. Tony envergonha-se e pede perdão, dizendo que errar é humano e os homens também erram. As mulheres retrucam o argumento de erro de Tony e ele ajoelha-se aos pés delas dizendo:

— *Quero que tudo volte a ser como dantes. Nunca mais vos irei trair, prometo. Cumprirei a escala semanal com muito rigor.*

— *Tony fecha essa boca já — ordena a Saly muito furiosa —, foste a causa deste sofrimento que passámos. Por que voltaste? Por que não ficaste lá na morte onde a tua família te quer guardado? Por que não ficaste lá no paraíso da Europa, com essa santa, que te colocou uma brasa de amor no peito, que te fez esquecer o mundo e te elevou às estrelas? Agora pedes perdão? Fecha a boca, Tony que o diabo te leve, tu és um morto. Não nos venha falar de amor, que toda a tua vida é falsidade, antiamor, maldade.*

— *A tua família fez de nós tudo o que quis, porque não existimos — grito eu.*

— *Éramos pedras, paredes, ar. Lançaram-nos no fogo e expulsaram-nos das nossas casas como se espantam os demónios.*

Enquanto isso, tu sorrias na lua de mel francesa, com essa tal Gaby — diz a Lu.

— Nas mãos da tua sagrada família, éramos castanha de caju no braseiro de lenha, éramos peixe grelhado, com vinagre e pimenta. Enquanto isso, tu vivias a primavera francesa, com essa tal Gaby — desabafa a Mauá.

— A Rami foi tatuada com ferro na brasa. Carimbada como uma escrava. Expulsa do lar com fogo e incenso, como um demónio. Enquanto isso, tu sorrias, na lua de mel, com a tal Gaby — grita a Saly — A Rami foi tchingada, meu Deus, foi tchingada, já te contou? Ela parecia uma ovelha em sacrifício. Tchingada como uma órfã perdida no meio do mundo. Foi doloroso, não foi, Rami? (NHP, 2021, p. 205, 206).

As mulheres de Tony continuam dizendo todas as verdades e ele as escuta em silêncio, voltando a pedir perdão a elas. Rami diz a ele que quer assinar o divórcio e Tony tenta dissuadi-la da ideia, mas em vão, mesmo ele fazendo concessões:

— Vou pagar todas as contas e colocar todas as coisas em ordem. Vou deixar um testamento escrito. Uma vergonha destas nunca mais voltará a acontecer.

— Fechámos os negócios por uma semana — a Lu volta à carga. — Fizemos gastos, tivemos prejuízos. Quem irá pagar por isso? — Retomem os negócios imediatamente — diz meio nervoso —, recuperem o tempo perdido e fechemos esta página negra.

[...]

— Vamos fazer de novo a escala? Por onde devo começar? Rami, tu foste sempre a gestora destas coisas. Diz tudo o que quiseres, que eu cumpro.

— Antes de entrar nesse capítulo — diz a Saly com voz ameaçadora —, devolve tudo à Rami, tudo! Mas tudo novo. Nada de trazer outra vez aqueles móveis conspurcados pelas mãos assassinas da tua família. Devolve tudo num prazo de sete dias.

— Devolvo, sim, prometo. Rami, podes ir às lojas comprar tudo o que for preciso e ao teu gosto.

— E há mais — promete a Lu —, se não cumpres a palavra, vamos cortar-te o nariz a ti, e uma orelha à tal Gaby.

— Tony, não volte a procurar-me antes de pôr em ordem a casa da Rami — remata a Mauá.

[...]

— Tony, estou disposta a elaborar a escala — explico eu —, mas nesta nova escala faltam duas: a Eva e a Gaby.

— Ah, essas não. São simples amigas. Não há nada entre nós. Não quero nada (NHP, 2021, p. 210, 211).

Rami informa a Tony que vai para a casa de Levy e ele diz:

— Não vais, não.

— Vou.

— Por cima do meu cadáver.

— Já foste cadáver, que diferença faz?

— Não vais, já disse.

— Vou para a casa da minha mãe (NHP, 2021, p. 212).

Tony insiste um pouco mais com Rami e ela cede, mas exige que ele aceite Eva como sexta esposa. O ex-defunto pede às mulheres que lhe tenham piedade. Rami vai ao espelho e ele lhe pergunta:

— *Quem és tu, que não reconheço?*

Entre lágrimas eu respondo:

— *Sou aquela que sonhou amada e acabou desprezada. A que sonhou ser protegida e acabou por ser trocada. Sou eu, mulher casada, quem foi violada mal o homem deu sinais de ausência. Sou a Rami.*

— *Não és a Rami. Tu és o monstro que a sociedade construiu. Encostei o meu rosto no espelho e chorei perdidamente. Ganhei o controlo de mim mesma e olhei de novo. A imagem do espelho sorri. Dança e voa com leveza de espuma. Levita como um jaguar correndo felino nas florestas do mundo. Era a minha alma fora das grades sociais. Era o meu sonho de infância, de mulher. Era eu, no meu mundo interior, correndo em liberdade nos caminhos do mundo.*

Ganho coragem e pergunto.

— *Espelho meu, o que pensas de mim?*

— *Sossega. Não há, neste mundo, mulher mais bela do que tu.*

— *Espelho meu, existe neste mundo mulher mais triste do que eu?*

— *Há. Há milhões de milhões em todo o mundo.*

— *Diz-me, espelho meu. Haverá no mundo mulheres mais traídas do que eu?*

⁹ Note-se a intertextualidade com o conto de fadas *Branca de Neve e os Sete Anões*, a partir da paródia à pergunta da Rainha má: *Espelho, espelho meu, existe alguém mais bonita do que eu?*

São todas. Todas! No amor, todos os homens são traidores (NHP, 2021, p. 214).

Capítulo 35

Rami vai almoçar com Lu, a qual lhe conta sobre os progressos financeiros que está fazendo. A narradora aconselha a amiga a se envolver seriamente com Vito, pois ele a ama verdadeiramente. Lu explica porque não deseja se casar:

— Explico-me melhor: para os homens, primeira esposa é a esposa de serviço, e a segunda a esposa do prazer. A primeira é a esposa de espinhos e a segunda esposa de flor. Se a vida da mulher é a poligamia, jamais serei a primeira. Quero ser sempre o que agora sou: a terceira. Prazer e flor.

[...]

— Vendo bem, tu sofres, eu sorrio. Tu semeaste, eu colhi. Nunca soube o que era sofrimento conjugal. Tu lavas o marido e o perfumas, nós, as segundas e terceiras, recebemo-lo já lavado, perfumado. Tu o preservas e nós o usamos e gastamos. O Tony vem aos meus braços só para ser feliz e quando chega a hora parte sem deixar problemas. E contigo deixa toda a carga: levar a sogra à consulta, visitar o irmão doente, ir a todos os eventos sociais em nome da família, representá-lo em funerais, etc., enquanto eu, a terceira, estou livre de tudo, cuido da casa e do meu corpo, preparando-me apenas para o amor (NHP, 2021, p. 216, 217).

Lu diz a Rami que jurou nunca ser esposa de um homem do Sul de Moçambique e que se casar com Vito significa ter rivais piores dos que ela tem na poligamia de Tony. A narradora afirma que os homens não são todos iguais, mas Lu diz sentir-se bem no sistema em que está vivendo, partilhando um marido e um amante com Rami, erguendo a autoestima da narradora ao dizer-lhe que ela é boa, mãe, centro da vida, e que tem *mãos de fada. Tudo o que tocas se transforma em ouro*¹⁰ (NHP, 2021, p. 220).

Rami continua argumentando em favor de que Lu seja feliz com um homem que a ama:

— Minha Lu. Os pássaros constroem ninhos em cima das árvores. As mulheres casam para construir o lar. Ancora essa raiz no mais

¹⁰ Intertextualidade com o mito do Rei Midas.

fundo do chão. Estende os teus ramos para outros ninhos na tua frondosa sombra, Lu, casa-te.

— *Prometo pensar no assunto. Amanhã* (NHP, 2021, p. 223).

Capítulo 36

A minha casa tornou-se um lugar onde cada uma vem despejar as suas frustrações. Os meus filhos não gostam disso mas eu não me importo. Suportam em silêncio os meus caprichos. Mal esse mulherio entra, os meus filhos saem. Deve doer-lhes muito, esta realidade (NHP, 2021, p. 225).

Haverá mais uma reunião das mulheres de Tony, estando ausente apenas Ju, pois ele passara a noite na casa dela. Todas cumprem o ritual de confissões, contando como foi a semana com Tony e seu desempenho de marido polígamo.

Lu reclama, pois Tony apareceu na casa dela de surpresa e ela não gosta de ser surpreendida, pois poderia estar ocupada. Rami lança um olhar para ela, pois sabe que Lu tem um amante, Vito.

Tony vem cumprindo suas obrigações corretamente, sendo amável com as esposas, mas, às vezes, ele confunde os nomes das mulheres e, também, acorda sem saber na casa de qual delas se encontra.

Ju quer dispensar a presença de Tony naquela semana em sua casa, que seria a dela, e pergunta a Saly se não quer ficar com ele mais uma semana, pois não tem tempo para atendê-lo com os carinhos, as massagens e os mimos que deseja, uma vez que anda muito atarefada com seu trabalho.

As demais esposas de Tony também se mostram desinteressadas por ele e pelas obrigações poligâmicas que lhes tomam o tempo.

Capítulo 37

Tony chama Mauá, Saly e Julieta para uma reunião na casa de Rami. A narradora está trajando uma roupa azul, a mesma cor que vestia quando conheceu Tony:

Penso. Quem inventou a moda feminina foi um homem, só pode ser. Inventou sapatos de salto alto para que a mulher não corra, e não lhe fuja do controlo. Se pensasse nela, teria inventado umas botas e mocassinos, sapatos do tamanho do chão, para ela poder caminhar, correr e caçar o sustento, como as amazonas. Inventou as saias apertadas para obrigar a mulher a manter as pernas fechadas, coladas. Se pensasse nela, teria inventado umas saias

bem rodadas, para andar à vontade e refrescar os interiores, nos dias de verão. No lugar disso, inventou as roupas coladas, atrevidas, para poder deliciar a vista na paisagem ondulada de qualquer uma e masturbar-se com o simples olhar.

Em pleno século vinte e um, os homens vestem-nos as armaduras do tempo de Dom Quixote e dizem que estamos belas. Calcinha. Cinta. Soutien. Meia de vidro. Meia saia. Combinação. Saia, blusa, um casaco ligeirinho para acentuar o ar de senhora. Lenço. Cachecol. Colares. Brincos. Pulseiras. Anéis. Puxinhos de cabelo. Rolos. Ganchos, travessões, bandoletes, e a flor dos campos no canto da orelha. Cinto de castidade. Licaho. E os homens? Só cuecas, calça e camisa. Livres para saltar, correr e caçar. Que diferença, meu Deus! (NHP, 2021, p. 232).

Tony chega, tira do bolso um envelope e o entrega para Rami ler: era o convite de casamento assinado por Lu e Vito. Tony questiona as mulheres:

— *O que têm a dizer-me sobre isto?*

Ninguém responde. Que resposta dar? Seguiu-se o inevitável, aquela notícia era o desabar de uma cascata. Acusa-nos e insiste na pergunta como se fôssemos autores reais de alguma coisa. Reina o medo. Trocamos olhares de espanto.

— *Vocês todas sabiam disto. Sabiam e não me preveniram. Nas vossas reuniões semanais riam-se de mim nas minhas costas. Architectavam os planos de fuga e traição. Conspiravam contra mim, matavam-me aos poucos sem eu perceber, eu estava cego, cego, cego!*

Lança um suspiro e outro suspiro. A voz forte transforma-se num murmúrio moribundo, atacado pela dor de perder. De olhos semicerrados ele escuta a voz que vem do fundo. A partida da mulher desejada é tragédia, trovoadas, morte, tempestade.

— *Vocês traíram-me!*

Trocamos olhares de espanto.

— *Vocês sempre souberam disto!*

Ninguém responde. Os seus olhos varriam os nossos, em busca de um diagnóstico de cumplicidade.

— *Vamos, meninas, falem!*

[...]

— *Vocês são minhas, conquistei-vos. Comprei-vos com(o¹¹) gado. Domestiquei-vos. Moldei-vos à medida dos meus desejos, não*

¹¹ A edição do livro, empregada para este trabalho, traz *com gado*, mas, pelo sentido da passagem, o mais adequado seria *como gado*, uma vez que, em outra passagem

quero perder nenhuma. E tu, Rami, devias ficar do meu lado, no manejo deste gado, para isso és a primeira. Devias guiar os passos das outras. Velar pela fidelidade conjugal de todas elas. Mas cruzaste os braços e passaste para o lado delas. Contra mim, que te levei ao altar e te dei estatuto de rainha deste mulhero. Nas vossas reuniões de mulheres só os vossos interesses é que contam (NHP, 2021, p. 233, 234).

Enfurecido, Tony pergunta qual delas será a próxima a traí-lo e questiona se o filho que tem com Lu é dele mesmo, pois o menino também se chama Vítor, e se é realmente o pai dos demais que tem com as esposas ali presentes. Ele ataca Rami, dizendo que *uma mulher que se deixa tchingar com o marido vivo não merece confiança nenhuma* (NHP, 2021, p. 235). Rami tem vontade de abandonar seu lar nesse momento, pois sabe que Tony se voltará contra ela e é exatamente o que ocorre.

Rami telefona para Lu, alertando-a sobre a fúria de Tony, que pega o carro e sai. Mauá e a narradora perseguem Tony até a casa de Lu. Ao chegarem lá, a porta do apartamento de Lu está aberta e Tony e ela frente a frente. Tony chora, mendigando o amor de Luísa:

- *Por que partes, minha Lu?*
- *Porque chegou a hora.*
- *Tu és minha!*
- *Onde está o título de propriedade?*
- *Lobolei-te.*
- *Não basta.*
- *Devolve o lobolo que paguei.*
- *Devolvo, sim. O dobro, se quiseres. Mas devolve-me antes toda a felicidade que te dei.*
- *Deixa os meus filhos e vai-te.*
- *Que poder paternal queres ter, se nunca foste pai nenhum?*
- *Este lar construímos juntos, Lu.*
- *Lar? Ninho de rola no alto do pinho. Vem a tempestade e arrasta os ovos na corrente de vento. Os teus beijos fugazes eram cacimba, nem molhavam a língua.*
- *Tenho muito amor para te dar, Lu. Muito amor. Se quiseres deixo as outras e fico só contigo.*
- *De certeza?*

do romance, a narradora faz referência à mulher ser comprada *como gado* nas negociações feitas para o enlace matrimonial.

— *Oh, Lu! Este vazio que deixas. O meu coração que levas. No meu coração há muito amor por ti, não vás!*

— *Vou, sim.*

— *Mato-te.*

— *Mata-me então. O que esperas?*

— *Por que me deixas, Lu?*

— *Quero ser esposa com certidão e aliança. Quero subir ao altar*

com véu e tudo. Dá-me tudo isso e eu fico (NHP, 2021, p. 237, 238). Tony relembra os momentos que passou com Lu e diz:

— *Como vais amar outro se eu te dou tudo do bom e do melhor? Tens casa. Roupa. Comida. Lar. Filhos. Um marido por sete dias de quatro em quatro semanas. Por que deixar-me assim sem me consultar? Que terei eu feito de mal? Será que não vês que te amo, Lu?*

— *Eu também te amo, não vês?*

— *Ah, desgraçada. Vai se quiseses, jamais encontrarás um homem como eu. Hás-de te lembrar de mim, porque serás infeliz. Terás saudades de mim, vais ver. Hás-de pedir para voltar aos meus braços, de joelhos e, nessa altura, quem vai te desprezar sou eu, sua ingrata!*

Ele tenta dar-lhe um soco na cara, o último. Um soco de despedida. Para se vingar e fazer dela a noiva de olho inchado no dia do casamento. O seu braço é uma arma. Fecha o punho como uma funda. Lança. Mas o gesto é lento, é fraco. Faz um lançamento sem grito, sem inspiração, sem alma. Ela esquivar-se e a funda perde-se no ar. Segura-a pelos dois braços e sacode-a, como a um arbusto. Mas a Lu é aranha. Escorpião. Vespa. É ela quem ataca. Dá uma dentada funda, de vampira, no braço gordo que sangra. Ele solta-a, num grito: Assassina! (NHP, 2021, p. 238).

Tony volta-se para Rami e acusa-a de ser a única culpada pelo que estava acontecendo. A narradora olha para ele com piedade e ele pede que ela o deixe encostar-se em seu ombro, enquanto chora:

— *Rami!*

— *Diz, meu Tony.*

— *Estou a chorar, vês? À tua frente posso chorar à vontade. Sempre assististe aos meus desvairos. Sempre suportaste as minhas loucuras. És mais do que uma esposa. És uma amiga. Tomara que todos os homens tivessem uma mulher assim, como tu. Dedicada. Confidente. Sou um homem feliz. Dou-te amarguras, eu sei, mas o*

que queres tu? Quem te dará amarguras senão eu, que sou teu marido?

— Sim, meu Tony Só tu me podes coroar rainha de espinhos e dor, porque és o meu homem (NHP, 2021, p. 240, 241).

Rami leva Tony de volta para sua casa.

Capítulo 38

A narradora revela que não tem dormido porque tem medo dos pesadelos que a perseguem. Tony, durante a noite, tem sono agitado e grita o nome de Lu.

Chega o dia do casamento de Lu e Vito, e Rami pede autorização a Tony para poder ir à cerimônia. Ele diz para ela ir acompanhando-o, a fim de impedirem o matrimônio, ou ajudá-lo, então, a contratar um pistoleiro que acabe com a vida de seu rival.

Rami percebe que Tony ama mais Lu do que a ela. Ele pede à narradora que fale com seus parentes e encomende uma bruxaria para acabar com Vito:

— Pensa bem, Rami, pensa bem. Eu vou perder a mulher, e tu vais perder a melhor amiga, a melhor confidente, sei que gostas muito dela, Rami.

— Gosto dela, sim.

Ela dava prazer ao meu Tony, mas dava amizade e fraternidade a mim. Já não terei por perto aquele sorriso, aquele riso. Ela era a fogueira do espírito onde eu acendia a minha vela. Não mais terei aquele espelho onde se reflectia a imagem daquilo que fui, do que não sou e nunca mais voltarei a ser. Dói-me a partida da Lu, mas é preciso saber perder para ganhar. A partir de hoje terei menos uma rival na partilha e o tempo de espera na escala conjugal terá menos uma semana. Perdi o amor do meu Tony e não foi por causa da Lu. Quem me tirou o marido foi a Ju. É por isso que gosto tanto da Lu, ela vingou meu ciúme. E depois emprestou-me o Vito que me servia por piedade, dando amor-esmola para uma mulher carente, desamada. Fazendo bem as contas, a Ju é uma rival menor. A Lu é tão poderosa que nos tirou o sopro de vida. Desde que a Lu entrou em cena, ficámos enterradas no coração do Tony (NHP, 2021, p. 245).

O marido polígamo continua seu desespero, dizendo:

— *Sou um homem bom, Rami, há homens piores do que eu. Faço tudo bem feito. Ter muitas mulheres é o direito que tanto a tradição como a natureza me conferem. Nunca maltratei a Lu, bati nela algumas vezes, apenas para manifestar o meu carinho. Também te bati algumas vezes, mas tu estás aí, não me abandonaste para lugar nenhum. A minha mãe foi sempre espancada pelo meu pai, mas nunca abandonou o lar. As mulheres antigas são melhores que as de hoje, que se espantam com um simples açoite.*

— *Tens razão, Tony, as mulheres de hoje já não têm juízo. Por que não te casas com a minha avó?* (NHP, 2021, p. 246).

Tony passa mal e Rami e os filhos, Beto, João, Sandra e Lulu, ajudam-no a colocá-lo no carro. Chegam ao hospital, onde Tony é socorrido. Ao entrar no leito onde Tony está desfalecido, Rami explica ao médico o que houve:

— *Doutor, as coisas que ele dizia, as loucuras que ele contava, doutor, a mordedura no braço, as febres repentinas, doutor, aquela bela mulher, o casamento que vai acontecer, doutor, aquele delírio, aquela gritaria, doutor, os pesadelos, a espuma na boca, doutor, a transpiração, a falta de ar, doutor, o meu Tony, a dor no meu coração, doutor, as minhas rivais, somos cinco esposas, doutor, a mais desejada, a mais preferida, doutor, se o meu Tony morrer outra vez, eu vou ser tchi...*

Nesse momento ele recobra os sentidos e investe toda a sua força contra mim.

— *Fecha essa boca! Como podes tu falar da minha intimidade a qualquer um, se nunca te admiti? Como teu marido não permito que te comportes como qualquer peixeira. És mulher e deves pôr-te no teu lugar, que da minha saúde cuido eu* (NHP, 2021, p. 247).

Rami, indignada, lembra-se da velha senhora que abandonou o marido no hospital, depois da estupidez dele, e repete ao médico as palavras dela: — *Doutor, suportei este homem a vida inteira. Se ele não quer que eu fale, então que morra!* (NHP, 2021, p. 248), abandonando o gabinete do médico, enquanto Tony grita para ela voltar e obede cê-lo.

A narradora, depois de descansar, prepara-se para ir ao casamento de Lu e Vito, colocando uma linda roupa e pensando em que será cortejada por algum homem na cerimônia, mas, antes de ir, liga para o médico para saber de Tony e é informada de que *não houve enfarte, mas ele precisa cuidar de suas emoções* (NHP, 2021, p. 249).

Capítulo 39

Rami chega ao casamento de Lu e Vito e chora ao ouvir os noivos dizerem sim à união. A narradora cumprimenta os noivos e Lu pergunta a ela:

- O Tony?
- Teve uma forte depressão esta madrugada. Está hospitalizado.
- Por quê?
- Por tua causa.
- Está muito mal?
- Está fora do perigo.
- Ah, ainda bem. É bom saber que um homem morre por mim de verdade. Essa notícia faz-me duplamente feliz, neste dia.
- Parabéns, Lu.
- Rami, minha grande mãe, não te esquecerei. Tu és mulher sobre todas as mulheres do universo. Sou uma empresária de sucesso. Uma noiva bela. Uma esposa de facto. A minha felicidade é obra das tuas mãos, obrigada, Rami.
- Bendito seja Deus! — suspiro.
- Há outra coisa, Rami. Neste dia solene, ofereço-te solenemente um lugar na minha família. Sou agora a primeira esposa. Espinho e dor. Dou-te o lugar de segunda esposa, para que sejas prazer e flor; pelo menos uma vez na vida. O Vito também é teu. Tu mereces toda a felicidade do mundo, Rami (NHP, 2021, p. 250).

Capítulo 40

A narradora faz uma reflexão sobre sua vida:

Sinto inveja das mulheres de mini-saia, que vendem o corpo, que vendem os sonhos, vivendo cada dia e cada instante, sem qualquer preocupação. Que vagueiam pelas ruas, que bebem, que fumam, que amam e desamam, exploram e são exploradas, que recebem amor falso mas espalham doenças verdadeiras. Tenho inveja das mulheres divorciadas, mulheres de solidão assumida, reconhecida e assinada em cartório, que podem escolher amantes em liberdade. Que assumem o papel de pai e mãe, que ganham o pão de cada dia com punhos de homem, mas que à noite querem ser mulheres. Que conjugam o feminino e o masculino num só verbo. Que ainda sonham com um príncipe de verdade, porque o antigo marido de príncipe real se transformou num sapo, depois de meia dúzia de beijos (NHP, 2021, p. 256).

Tony volta para casa e informa a Rami que decidiu largar todas as esposas para ficar somente com ela, mas a narradora não acredita no que o marido diz. Ele pede à Rami que não o julgue, pois a invenção do mundo e de suas tradições não é de responsabilidade dele. Acrescenta, ainda, que a ideia de juntar todas as mulheres foi dela e que a narradora conseguiu ajudá-las economicamente, transformando-as de vendedoras de rua em empresárias. Tony diz:

— *Eu sei, Rami, eu sei que sempre me quiseste ao teu lado e sossegado. Entraste nesta coisa de poligamia só para me ter por perto, eu sei.*

Sinto uma raiva imensa. Levanto a colher de pau para lhe dar um açoite e expulsá-lo dali, mas ele segura o meu braço no ar. Ah, mas quem me dera ter dentes de lobo para trincar-lhe a língua, e condená-lo ao eterno silêncio! Apetece-me dar-lhe uma enorme panelada na cabeça e calar-lhe a boca para sempre. Todos os meus gestos são flechas de raiva. Surpreendo-me. Eu não sou agressiva. Posso agredir todos os homens do mundo, menos o meu Tony. Ele é sagrado, é o paizinho dos meus meninos.

— *Calma, mulher, calma — tenta tranquilizar-me —, não precisas de zangar assim. Estou a ser sincero, deixa-me confessar-te. Vm para te pedir perdão. Não sei como fui capaz de abandonar assim uma mulher tão bela, tão...*

— *Vá, fecha essa boca, Tony!*

[...]

Ele bate à porta do meu coração, pobrezinho, mas o meu coração já não existe, foi comido pela traça. Bate à porta da minha alma, mas esta vive no alto, numa fortaleza de pedra. Só tenho este corpo tchingado que ele rejeita. Ah, meu amor, minha doce tragédia! Talvez te perdoe noutro dia, mas hoje não (NHP, 2021, p. 261, 262).

Tony diz que ouviu o conselho do médico de *estabelecer limites de paixão para não sofrer de doenças do amor* (NHP, 2021, p. 262), o que revolta Rami, pois o interesse do marido é egoísta. Ela manda Tony ir procurar as outras esposas e ele diz:

— *Já não me servem de joelhos como antes, nem me massageiam os pés quando descalço os sapatos. Ultimamente, quem me abre a porta é o criado, porque elas nunca estão em casa. Só têm a cabeça nos negócios e dizem que estão ocupadas.*

Ele ergue-se da cadeira. Abraça-me e me afaga com carinho, como quem esfrega uma pedra para produzir faísca. O meu corpo é frio, é mármore, é amianto, não arde.

— Larga-me e vai ter com as tuas mulheres de uma vez por todas. Quem não te quer mais sou eu.

— Não penses assim. Tu és a minha segurança, meu porto seguro. Dê todas as voltas que der, aqui é que é a minha casa. É ao teu lado que eu quero morrer (NHP, 2021, p. 262).

Rami continua mandando Tony embora de casa, mas como ele insiste em ficar, a narradora sai para a rua:

Abandono a cozinha e saio de casa, deixando o Tony sucumbindo na memória de algo que podia ter sido construído e não foi. Respiro fundo. Quero sentir grãos de ar caindo sobre o meu peito e enterrar a minha dor no mais profundo do mar. Quero dormir nas margens do rio e deixar a melodia dos peixes embalar o meu pranto. Quero andar descalça sobre as areias soltas como uma gata selvagem. Amar um homem? Nunca mais! Hei de arranjar um que me ame a mim. Hei de ser segunda esposa de alguém, tal como dizia a Lu. Nunca mais a primeira. Quero ser tudo: vento, peixe, gota de água, nuvem branca, qualquer outra coisa menos mulher. Quero ser uma alma solta, encostar à janela e ver a chuva a cair. Ser fantasma e sentar-me invisível no alto do morro e ver o sol a nascer. Quero ser um grão de areia ao vento e dançar o meu niketche, som das flautas de todas as brisas (NHP, 2021, p. 264, 265).

Capítulo 41

Rami convoca as esposas de Tony para decidirem como enfrentarão a situação em que se encontram no relacionamento polígamo. Elas contam à narradora que o discurso de Tony é o mesmo usado por ele em relação a elas. Rami começa a chorar e é confortada pelas amigas, ex-rivais.

A narradora propõe às mulheres arrumarem uma nova esposa para Tony e todas concordam com a ideia. Rami percebe que já não há mais tanto interesse delas por Tony e ouve de Ju:

— Qual vai ser o nosso fim, quando ele tiver a coluna quebrada, e de bengala na mão? — reclama a Ju. — As escalas serão mais prolongadas, um mês aqui, outro mês ali. Se a espera semanal é tão dolorosa, como será depois? O mais certo é ficar com apenas uma, e viver com as outras no pensamento. Qual de nós vai ser a sortuda,

que vai herdar esse ferro-velho, quando a velhice chegar? Talvez a Rami, que é a primeira e a dona, com documentos de propriedade. Talvez a Saly. Ou talvez a Mauá a quem ele ama tanto. Nós, as restantes, viveremos na solidão das solteironas e das viuvas. Eu não quero ser nem solteirona nem viuva. Em algum canto deste mundo há de existir um homem só para mim.

— Se tivéssemos estudado mais, teríamos uma sorte diferente. Poderíamos ter a liberdade de escolher entre o amor e a carreira. Entre a cruz e o calvário. Entre o forno e a frigideira. Mas agora não temos nem uma coisa nem outra — digo eu.

[...]

— Vocês, as mulheres do sul, têm mais sorte — diz a Saly. Nas nossas aldeias as raparigas casam-se aos doze anos, mal terminam os ritos de iniciação. Desistem da escola na terceira classe e têm o primeiro filho antes dos quinze anos — conclui, numa voz de lamento.

— Será que a escola não é importante? — pergunto à Saly.

— É, sim, e como é, meu Deus! É por isso que estou de novo a estudar. Quero falar bem português e escrever bem. Quero gerir bem o meu negócio. Sei até umas palavras de italiano, mas o que quero mesmo é também falar inglês.

— Italiano?

Todas olhámos para a Saly com muita surpresa e lançámos uma rajada de perguntas. Ela sorri.

— Comprei um livro... (NHP, 2021, p. 271, 272).

Rami sabe que Saly está mentindo, mas volta ao assunto da necessidade de arrumarem uma nova mulher para Tony. Elas percorrem o país à procura da nova esposa e, finalmente a encontram.

Capítulo 42

As esposas de Tony organizam uma reunião com ele para informá-lo de que lhe providenciaram uma nova mulher. Saluá, moça de dezoito anos, é apresentada a Tony, que, inicialmente, rejeita a possibilidade, mas cede, momentaneamente, à tentação:

Ele respira fundo, suspira. Ajoelha-se aos pés desta donzela e a venera como uma deusa. A sua voz torna-se doce, musicada. A boca enche-se de palavras de doçura e de paixão. Os olhos esgazeados de tanto desejo. O amor que sente por ela é fogo e tormento. Segura-lhe a mão suave como a seda. Larga-a.

— *Ela é bonita, meu Deus. Ela é uma flor, eu tenho mãos de esterco, tenho medo de tocá-la para não manchá-la. Sinto-me velho e cansado de andar de toca em toca como um caranguejo. Achem vocês que devo desvirginar esta donzela, suportar-lhe a gravidez, o parto, a menstruação, fraldas, biberons choros de bebé à noite? Não, não posso, não quero. Quando estava internado no hospital, vi homens acabados como fantasmas. Vi mulheres mirradas, esqueléticas. Pensei na vida. O mundo tem sida. O meu currículo sexual é abundante e invejável, faz-me imaginar verdades e fantasias. Não quero tocar nessa flor para não conspurcá-la, por favor, devolvam essa donzela à sua origem (NHP, 2021, p. 281).*

As esposas surpreendem-se com a recusa de Tony:

— *Respeitamos a tua decisão — diz a Saly — Ficarás então no teu canto. Terás de tudo: alimentos, cuidados e paz, menos a nossa companhia. A tua recusa é uma declaração de impotência sexual, e então vamos reunir o conselho de família, informar do que se passa e procurar assistentes conjugais. Este é um direito que a poligamia nos confere. Uma tempestade de fogo explode na alma do Tony que balança na dança da chama. Ele fareja a solidão no meio da multidão. Quando o amor é oferecido como esmola, o amante desconfia. Acaba de compreender que não se trata de amor, mas de vingança amorosa (NHP, 2021, p. 282).*

Mauá, então, revela já ter seu assistente conjugal e casará dentro de quinze dias com ele, mas agradece Tony por tudo o que ele fez de bom por ela. Julieta aproveita o momento e conta que também tem outro homem, um português muito rico, o qual proporciona uma vida de farturas a ela e aos filhos que teve com Tony.

Capítulo 43

Rami e Tony se encontram e ele a enche de elogios, embora diga também que

[...] As mulheres é que devem sentir orgulho dos seus maridos e nunca o contrário. As mulheres é que devem admirar os seus homens e nunca o contrário.

— *Que pena!*

— *Hoje eu quero chorar, Rami, deixa-me chorar. Nunca te dei nada senão a mágoa das minhas paixões que te feriam em cada dia. Amo-te como ninguém. Eu sou esse mar revolto, a mancha negra e fria que te cobriu a vida inteira. Sou aquele que fechou os ouvidos na noite para a tua canção de amor. Serei teu a vida inteira, porque sou o teu lamento, o teu sopro de fogo, a tua recordação amarga. Tatuei o teu corpo com espinhos de fogo. Quando a tua alma passeava, desolada, era a minha imagem que te surgia como um fantasma. Quando sentias a dor de abandono era por mim que suspiravas. Se um dia tiveres uma noite de amor verdadeiro, com outro alguém, é de mim que te vais recordar na elegia do tempo perdido (NHP, 2021, p. 285).*

Tony recolhe algumas roupas suas no armário, coloca um chapéu e sai andando na chuva. A narradora vai atrás dele, dizendo-lhe que volte para casa, pois irá apanhar um resfriado com o frio, mas Tony afirma que precisa da chuva lhe entrando na alma, acalmando-o, e acrescenta:

— *Hoje, quando fecho os olhos vejo como a vida me estrangulou. Teci sobre mim um manto de espinhos. Sangro. Vivi a vida inteira com uma espada aguçada encostada no pescoço. Não a vi.*
— *Mas porquê?*

Ele vasculha a memória como um cão roendo um osso antigo. O delírio sopra como partículas de ar escapando de uma janela quebrada. A sua voz silva como vento em remoinho arrastando folhas mortas, areia e pó.

— *Fiz do amor um jogo suicida e os vossos choros me perseguem como fantasmas. Ter muitas mulheres não é ser macho, é ser pasto. Nem sei como esses filhos nasceram ou cresceram. Nunca acompanhei as mães à maternidade, nunca os peguei ao colo, são tantos que até lhes troco os nomes, nunca fui aos aniversários deles (NHP, 2021, p. 287).*

Enquanto caminham até o jardim público, Rami aconselha Tony a ficar com Saluá para fugir da solidão em que se encontra. Ele beija a narradora e, quando a abraça, sente-lhe o ventre rígido. Rami chora e Tony fala:

— *Diz que é meu, diz e salva-me.*
Ruínas de uma família. A Lu, a desejada, partiu para os braços de outro com véu e grinalda. A Ju, a enganada, está loucamente apaixonada por um velho português cheio de dinheiro. A Saly, a apetecida, enfeitou o padre italiano que até deixou a batina só

por amor a ela. A Mauá, a amada, ama outro alguém. Só fiquei eu, a rainha, a principal, para lhe salvar a honra de macho. Todas elas vieram e pousaram no meu tecto, uma a uma, como aves de rapina. Agora levantaram voo uma atrás da outra. Todas amaram o meu homem, sugaram-lhe todo o mel e partiram. Agora está à beira do abismo. Treme, pede socorro. Meu Deus, eu sou poderosa, eu sinto que posso salvá-lo desta queda. Tenho nas mãos a fórmula mágica. Dizer sim e resgatá-lo. Dizer não e perdê-lo. Mas eu o perdi muito antes de o encontrar. Ignorou-me muito antes de me conhecer. — Não te posso salvar. Tento salvar-te mas não consigo, não tenho força, sou fraca, não existo, sou mulher. Os homens é que salvam as mulheres e não o contrário.

— Rami!

— O filho é do Levy!

Os seus braços caem como um fardo. As três trovoadas que um dia tentou encomendar contra o noivo da Lu hoje atacam-lhe o cérebro, o coração e o sexo e fazem dele um super-homem calcificado no éden da praça. Ele só vê o escuro e a chuva. Fica uns minutos intermináveis a contemplar o vazio. Era uma ilha de fogo no meio da água. Solto-o. Não cai, mas voa no abismo, em direção ao coração do deserto, ao inferno sem fim (NHP, 2021, p. 288, 289).

4. PERSONAGENS PRINCIPAIS DO ROMANCE

RAMI: Rosa Maria, ou Rami, é a narradora e protagonista do romance, uma mulher originária do Sul de Moçambique, criada no catolicismo, sem frequentar escolas de amor, costume moçambicano. Casada com Tony, ela abriu mão de seus desejos para se dedicar à realização das vontades de seu marido. Sofrendo imensamente com a indiferença de Tony, o qual tem outras mulheres, seu amigo fiel é o espelho, com quem troca confidências. Determinada a salvar seu casamento, ela recorre a feitiços e a aulas de sedução, já que se sente incapaz de satisfazer o marido, motivo pelo qual, segundo ela, Tony a trai com outras mulheres. Quando Tony é dado como morto, Rami passa pelo ritual do *Kutchinga* e é entregue sexualmente ao cunhado Levy, com quem tem uma relação amorosa prazerosa. No retorno do marido, ela já não é a mesma mulher dependente dele e seguirá sua vida, liberta do marido.

TONY: António Tomás, cinquenta anos de idade, homem do Sul de Moçambique, comandante de polícia, economicamente estabelecido, é o marido polígamo de Rami, com quem é casado legalmente. De formação

cristã, ele segue a tradição da poligamia moçambicana. Egoísta, Tony acredita-se o centro da atenção de suas mulheres, até ser abandonado por elas, que encontram novos amores. Termina solitário e enfraquecido em sua macheza inicial.

ESPELHO: Confidente de Rami e sua alma gêmea, sincero nas suas pontuações, é o responsável pelo despertar da consciência da narradora como protagonista de sua própria vida. É por meio dos diálogos com o espelho que Rami reflete sobre a sua condição feminina e parte em busca de mudanças para encontrar a felicidade. As conversas com o Espelho são, na obra, algumas das passagens mais representativas da voz feminina e da denúncia de como a mulher é vista em Moçambique.

JULIETA: Segunda mulher de Tony, inicialmente rival de Rami, é mãe de seis filhos, com os quais Tony só tem contato a partir do momento em que Julieta é lobilada e ele passa a frequentar a casa dela, no cumprimento das escalas conjugais. Troca Tony por um rico português, com quem encontra a felicidade.

LUÍSA: Nascida na Zambézia, é a terceira esposa de Tony e mãe de dois filhos, frutos da relação com ele. Elegante e sensual, extremamente sincera, vê a poligamia com naturalidade, pois, na sua terra, como há poucos homens, é comum as mulheres partilharem os maridos. Tony não mantém Luísa economicamente, já que lhe dá pouco dinheiro para as despesas de casa. Com as faltas de Tony, Luísa conquista Vítor, que a encontrou no meio da rua, depois de ela ter sido espancada por Tony, mesmo estando grávida. Quando a criança nasce, Luísa dá-lhe o nome de Vítor como forma de homenagem ao homem que a socorreu e eles se tornam amantes. Depois de conhecer a narradora, e a rivalidade entre elas se tornar amizade, Luísa cede Vítor à Rami, para que ele supra-lhe as faltas afetivas. Rami convence Luísa a se unir oficialmente a Vítor, o que ocorre depois do fracasso de Tony como marido de cinco esposas.

SALY: Quarta esposa de Tony, maconde, isto é, nascida no Norte, em Cabo Delgado, é uma mulher provocante e ousada nas atitudes. Violenta e resolvendo tudo à base da gritaria, briga fisicamente com Luísa e Rami. Conhece encantamentos e os usa para manter Tony ao seu lado, mesmo ele não oferecendo uma vida economicamente confortável para ela. Acaba casando-se com um padre italiano, que larga a vida religiosa por causa dela.

EVA: Diretora de uma empresa, é uma mulher muito bonita, inteligente, independente financeiramente e estudada. Foi abandonada pelo marido por não poder lhe dar um filho. Inicialmente tida como amante de Tony, aparece no funeral dele, a fim de auxiliar com a comida que seria servida na cerimônia. Foi ela quem pagou a viagem de Tony a Paris, portanto, sabe que ele não está morto, assim como Rami também tem essa certeza.

GABY: Personagem que entra no enredo depois da suposta morte de Tony. Eva conta à Rami da existência de uma nova mulher na vida de seu marido, Gaby, com quem ele viajou a Paris.

MAUÁ SUALÉ: Jovem de aproximadamente dezenove anos, muito apaixonada por Tony, é a quinta esposa dele. Oriunda do Norte moçambicano, conhece os rituais do amor, aos quais ela foi iniciada aos oito anos de idade, e a dança do *niketche*, agradando os homens com habilidade. Consegue sua independência trabalhando como cabeleireira e, com o equilíbrio financeiro, arruma um assistente conjugal, com o qual acaba se casando.

SALUÁ: As esposas de Tony escolhem Saluá, jovem bela de cerca de dezoito anos, para ser a sexta mulher dele, mas acaba sendo rejeitada por Tony.

LEVY: Irmão de Tony, responsável por receber Rami, depois de oficialmente viúva, no cumprimento do ritual *kutchinga*, durante o qual ela será purificada.

VÍTOR: Vito, como é chamado, é um homem do Sul moçambicano, machangana, amoroso e bonito. Amante de Luísa, quando casado espancou e traiu a esposa, a qual o abandonou. Vito, depois da experiência catastrófica no matrimônio, muda de comportamento e torna-se um homem afável com Luísa, que compartilha o amante com Rami. Após descobrir o que é o amor verdadeiro, ele se casa oficialmente com Luísa.

5. ANÁLISE DO ENREDO

5.1 A mulher em Moçambique: uma sinédoque das mulheres oprimidas no mundo

A literatura em Moçambique pós-colonial destaca-se pela produção de poemas, autobiografias e romances, em que predomina o viés anticolonialista, assim como as realidades do país e a desigualdade econômica são preocupações centrais. Entre 1940 e 1950, as mulheres africanas começaram a ousar se aventurarem pelo campo literário, resultando numa produção artística de excelência e representatividade da importância feminina no quadro cultural do continente africano.

Na perspectiva de representação da vida em sociedade, Moçambique configura-se por uma formação complexa em decorrência, principalmente, da multiplicidade étnica, cultural e religiosa, decorrente não só da colonização portuguesa, mas também da ampla imigração de diversos povos, o que desencadeia divergências quanto aos processos identitários moçambicanos.

Moçambique foi colonizado pelos portugueses e conquistou sua independência em 25 de junho de 1975, depois de árduas lutas. Após a sua autonomia, o país caiu na “Guerra dos 16 anos”, também chamada de “Guerra de Desestabilização”, embate de ordem civil, entre 1977 e 1992. Segundo Hélio Maúngue,

Moçambique viveu uma “tentativa” de se constituir numa sociedade socialista, principalmente pela figura de Samora Machel como seu principal interlocutor. A vivência e a experiência com o colonialismo muito contribuiu para isso, uma vez que fez surgir a ideia de uma consciência nacional que tudo fez para reverter a situação de opressão e exploração que a burguesia colonial impunha sobre os moçambicanos. Nos dias que correm Moçambique e/ou o Estado Moçambicano se apresenta como um Estado “capitalista moderno” e o partido que proclamou a independência, Partido FRELIMO, e que outrora se apresentava como de esquerda, hoje tem manifestações que se confundem com um partido de direita. (Socialismo em Moçambique: Uma utopia de Samora

Machel,

<https://www.capoeirahumanidadeseletras.com.br/ojs-2.4.5/index.php/cac/article/view/182/165> (Acesso em: 8 ago. 2021).

A língua oficial do país é o português, embora haja cerca de outras vinte línguas em circulação. A população moçambicana passa de 30 milhões de habitantes, metade dela do gênero feminino, por volta de 80% vivendo no meio rural; o trabalho informal corresponde a cerca de 85% da população e o nível de analfabetismo está em torno de 50%.

A capital de Moçambique é Maputo, antiga Lourenço Marques durante o período colonial, e o país é dividido em dez províncias: Niassa, Cabo Delgado, Nampula do Sul, Zambézia, Tete, Manica, Sofala, Inhambane, Gaza e Maputo do Sul.

Embora o Norte e Sul de Moçambique se completem nas características do todo do país, há entre as duas regiões grandes diferenças: no Norte, predomina a influência muçulmana em diversos setores, por exemplo, seguem-se as leis da *Sharid* (*Sharia* é o código de leis do Islamismo) para se destacarem as responsabilidades econômicas dos homens em relação às esposas e filhos; no Sul, a tendência é cristã, pela forte influência da colonização portuguesa, reforçando-se a mentalidade de que o homem é superior à mulher, a qual deve ser obediente ao mando masculino e aceitar a condição de oprimida e subordinada ao homem.

As mulheres do Norte, ainda muito jovens, iniciam o aprendizado sobre o amor e o desempenho sexual para satisfazerem o marido, o que é cultu ralmente valorizado na região, e, talvez por isso, são elas consideradas pelos homens do Sul moçambicano como mais interessantes pela naturalidade com que encaram a atividade sexual. As mulheres do Sul são educadas para servirem ao marido, o que atrai o homem do Norte que deseje a mulher servil. Em decorrência do catolicismo, elas não acreditam em magias ou rituais sobrenaturais empregados na arte de sedução e manutenção do homem no seio familiar.

A maneira de se vestir também é diferenciada nas duas regiões: no Norte, são comuns as estampas coloridas e alegres nas roupas e o uso de uma maquiagem mais forte por parte das mulheres; no Sul, o recato impera em roupas de tons de cores sóbrios e pouco extravagantes, e na conduta respeitosa para não serem taxadas de prostitutas. Além disso, no Sul, com a migração da mão de obra masculina para a África do Sul, houve uma feminização dos trabalhos na agricultura, forte influência das mulheres na vida urbana e grandes responsabilidades econômicas atribuídas a elas na região de Gaza.

No Norte moçambicano, a tradição é matrilinear, isto é, as mãos femininas comandam a criação dos filhos, a manutenção dos lares, mas o regime oficialmente reconhecido é o patrilinear, típico do Sul do país, onde

a poligamia é rara, embora a maioria dos casamentos não sejam formalizados legalmente. Assim, em Moçambique, o espaço para ação feminina é limitado, sem permissão para as mulheres agirem, falarem ou pensarem por si próprias.

No romance *Niketche, uma história de poligamia*, as mulheres de Tony são originárias de diferentes espaços de Moçambique¹², indicando a proposta de Paulina Chiziane de que a união delas em torno de Rami corresponda à representação de uma unidade nacional. As experiências femininas ganham relevo na obra de alguns poucos autores moçam bicanos, dentre eles Paulina Chiziane.

A autora elabora em sua obra um vivo retrato de Moçambique de Norte a Sul, com suas diferenças culturais, religiosas e econômicas, denunciando as diferenças entre ricos e pobres, tradição e modernidade, opressão e submissão, poligamia e monogamia, formação cristã e islâmica, mulher e homem. A narradora protagonista Rami, nascida no Sul de Moçambique, é uma mulher tradicional e seguidora das normas dentro das quais foi criada. Infeliz no casamento, em fragmentos como os dos cacos de vidro do carro, que iniciam a narrativa, tem o desejo de ser amada e reconhecida como mulher, mas se submete às regras do sistema que lhe é imposto, transmitindo, por meio de seu relato, os diferentes lados da tradição moçambicana seguidos por seus habitantes.

Embora Paulina Chiziane rejeite a classificação de suas obras como feministas, podemos notar que, em *Niketche, uma história de poligamia*, a temática voltada para o universo feminino, relatando os desejos, sentimentos e direitos das mulheres cerceados, apresenta-se por meio das vozes de personagens em busca de espaço social, econômico, espelhando a condição da mulher no mundo.

A figura feminina em Moçambique é valorizada como símbolo de fertilidade, daí a sexualidade ser amplamente difundida, enquanto a função social da mulher fica renegada a segundo plano, sendo ela condenada ao silêncio e à obediência inquestionável. Mas, as esposas de Tony se rebelam contra a exploração masculina, reconstroem-se psicológica e afetivamente, forjando sua independência econômica e dissolvendo o mito do macho indispensável e poderoso que Tony representa.

¹² Mauá e Saly são do Norte; Luísa é do Centro-Norte; Julieta, do Centro; e Rami, do Sul de Moçambique.

Paulina Chiziane, além da denúncia quanto à violência contra o gênero feminino, também aborda em *Niketche, uma história de poligamia* a questão do preconceito de cor. A mulher mulata, termo empregado pela autora em sua obra, é avaliada como uma ameaça às negras, uma vez que elas são consideradas socialmente superiores às demais, enquanto a mulher negra é conferido o estatuto da lascividade.

Ao homem, supervalorizado na sociedade moçambicana, quase tudo é permitido, mesmo ele se apresentando irresponsável em algumas situações sociais ou negligente quanto ao papel de pai de família, deixando para a esposa todas as responsabilidades do lar, situação comumente vivida pelas mulheres moçambicanas. Exemplo dessa liberdade – ou melhor, libertinagem –, masculina é a vida polígama ou adúltera que o homem leva, considerando direito seu ter relacionamentos múltiplos e, portanto, não estaria cometendo delito algum nesse caso, enquanto à mulher qualquer deslize é motivo de punições severas.

Rami, por exemplo, abre mão até de suas convicções católicas monogâmicas, bases dentro das quais ela foi criada, em que a poligamia não é permitida, para manter Tony a seu lado. As longas peregrinações que a narradora faz por Moçambique, à procura das outras mulheres de Tony e em busca de auxílio mágico e psicológico para reconquistar o marido, levam-na a um aprendizado contínuo e muito subjetivo, desencadeado pela observação de si mesma e da realidade vivida por mulheres que seguem as práticas tradicionais sem as questionar, mesmo enfrentando dificuldades por causa delas.

A narradora avalia a condição da mulher negra, e das mulheres em geral, vítimas da discriminação social, do abandono, da invisibilidade e do desprezo, sem encontrarem apoio sequer nos membros da família para a superação das atitudes machistas das quais elas são alvo. Rami é a narradora questionadora dos estatutos em prol do homem, interferente em todo percurso da história, colocando seus pontos de vista e procurando associá-los ao posicionamento ideológico do leitor, ao qual ela se refere por vezes. Além disso, ela denuncia a violência de que é vítima e amplia a voz feminina para o grito de liberdade, conquistada no desfecho do romance, transformando o agressor Tony em derrotado.

Rami modifica sua realidade, aceitando a poligamia do marido para ter controle sobre ele e as demais esposas, as quais acabam recebendo ajuda da narradora, tornam-se autossuficientes, revalorizam-se como mulheres e encontram amores verdadeiros. Há dois momentos centrais em que Rami conquista sua liberdade sentimental: na ocasião em que se envolve com

Vítor e quando tem uma noite de sexo com Levy em decorrência do ritual *kutchinga*. O adultério cometido por Rami, em seu envolvimento com Vítor, transforma a narradora que, após se sentir amada e carinhosamente tratada por um homem, passa a ignorar as ausências de Tony. Já quando ela se entrega a Levy, configura-se, além do adultério, a poligamia de Rami, pois ela sempre soube que o marido não havia morrido atropelado.

Desse modo, Rami vai superando gradativamente a condição de mulher submissa ao homem, fortalecendo-se, em primeiro lugar, economicamente e, depois, amorosamente, ressignificando sua existência, tentando livrar-se da estrutura que a oprime, assim como também libertar as outras mulheres de Tony. Rami vai amadurecendo ao longo da narrativa e é esse amadurecimento que a leva a alcançar sua autonomia e liberdade.

A narradora, embora veja a poligamia como o câncer da sociedade, acaba aceitando-a para, a partir dela, executar uma forma de vingança em relação ao marido, que será sufocado por obrigações conjugais (as quais ele não consegue cumprir), e às outras esposas de Tony, uma vez que, a partir do *lobolo*, todas se tornam oficialmente mulheres dele, mas devem obediência à primeira esposa, Rami. No entanto, ao invés de a narradora fazer as mulheres de Tony sofrerem, ela proporciona uma reviravolta na vida delas, auxiliando-as a encontrarem independência econômica e se tornarem livres do domínio de Tony. Nessa estratégia, podemos perceber que Rami também usa a amizade para tentar separar o marido das outras mulheres, o que, por fim, ela consegue realizar.

Conhecendo as demais esposas de Tony, inicialmente antagonistas de Rami, com algumas das quais ela chega a lutar fisicamente, a narradora vai descobrindo suas faltas e, também, refazendo-se como mulher, pois percebe que, ao agredir as demais companheiras de Tony, ela fere a si mesma, uma vez que todas são vítimas da mesma injustiça imposta pela tradição da sociedade moçambicana. A partir de diversas reflexões, a narradora percebe que a união das mulheres é o único caminho para o alcance de uma existência melhor e mais respeitada.

Assim, Rami transforma *niketche*, a dança do amor destinada à satisfação masculina, num movimento voltado para a mulher, independentemente das amarras da tradição machista e patriarcal e, desse modo, a narradora completa sua travessia, alcançando o outro lado da ponte da vida, onde encontrará seu próprio espaço e autorreconhecimento de sua importância como mulher na sociedade de Moçambique.

O marido de Rami, um alto funcionário da polícia de Moçambique, adepto da poligamia, Tony, de cinquenta anos de idade, coleciona mulheres

que simbolizam, dentro do contexto da obra, as diferentes manifestações culturais moçambicanas. Educado de acordo com as tradições do Sul de Moçambique, ele pratica a poligamia às ocultas de seus familiares, metaforizando, por meio da ficção de Paulina Chiziane, a sociedade sexista do país. Com dezesseis filhos, Tony não dá a devida assistência às suas mulheres e aos filhos até a situação poligâmica ser reconhecida por sua família e as obrigações de marido polígamo passem a ser cumpridas por ele.

Julieta, mulher do Sul de Moçambique, tem seis filhos e é a segunda esposa de Tony, sempre calada, obediente e subserviente a ele. Foi estudante dedicada, mas não seguiu a vida escolar porque foi iludida por Tony, o qual lhe prometeu um casamento, ocultando-lhe a informação de que ele já era comprometido legalmente com Rami. Julieta, com o auxílio da narradora, consegue firmar-se nos negócios de bebidas no atacado e encontra a felicidade com um português viúvo e muito rico.

Luísa, mulher bonita, de pele lisa, cabelos bem cuidados, foi, ainda muito jovem, violada por soldados em uma mata de Moçambique e, depois, entregue pela mãe a um velho em troca de uma manta de algodão para proteger os irmãos do frio. Maltratada pelas esposas do velho, Luísa era obrigada a trabalhar pesadamente em casa, como a gata borralheira do contos de fada, o que a levou à fuga e à prostituição aos quatorze anos de idade. Encontrou Tony numa esquina da cidade da Beira e passou a viver com ele, que, num dia de violência, a agrediu grávida. Socorrida por Vítor, tornou-se amante dele e deu seu nome ao filho que teve com Tony. Luísa prospera com o auxílio de Rami no comércio de roupas e, depois de muito relutar por medo de sofrer com um casamento oficial, abandona Tony e casa-se com Vítor.

Representação da mulher transgressora, Luísa é forte, decidida, mantendo uma certa forma de domínio sobre os homens, tendo um olhar ativo e crítico em relação ao comportamento das mulheres do Sul:

[...] Vocês, mulheres do sul, perdem tempo com essas histórias e preconceitos. Renunciam à existência, pode-se saber por quê?

Fidelidade a quê, se ele já te deixou? Mesmo as viúvas aliviam o luto em algum momento. E tu não és viúva, o Tony está vivo, está feliz e anda a fazer das suas, por aí.

[...]

— Sei que nunca serei a esposa real do Tony —dizia-me ela —, por isso vou vivendo cada dia que passa. Um amor aqui, um sorriso ali, como a galinha enchendo o papo, grão a grão. Na falta de uma boa

chuva, um chuveiro serve. Faltando o chuveiro, um regador de mão, para molhar a terra. Já passaste fome, Rami? Na falta de hortaliça, comem-se cardos, cactos, raízes. Nunca ouviste dizer que, na falta de água, a urina faz sobreviver quem a consome? Essas mulheres que vendem o corpo são gente como nós, Rami (NHP, 2021, p. 73).

Saly, personagem feliz por ter tido filhos, já que, em Moçambique, uma mulher tem valor e respeito se for mãe, aceita pacificamente a escassez de Tony em sua casa – ele a visita uma vez por mês apenas, até o *lobolo* –, pois é melhor tê-lo mensalmente do que não ter nenhum homem em sua vida para lhe garantir certa segurança econômica, o que corresponde a uma visão subserviente da personagem feminina. Impulsiva, Saly chegou a ter negócios, mas faliu porque precisou usar todo o dinheiro que tinha para curar um de seus filhos doente. Com a ajuda de Rami, torna-se proprietária de um café e um salão de chá e prospera. Saly desiste da relação com Tony ao conhecer um padre italiano que abandona a batina por amor a ela.

Mauá Salué, defensora da iniciação do conhecimento sexual das mulheres por meio dos ritos de passagem, é sábia nas artes do amor e crítica fervorosa das tradições impostas pela colonização cristã portuguesa. Última esposa conquistada por Tony, é mais jovem do que a terceira filha de Rami. Educada para servir ao homem e dedicar-lhe carinho, Mauá trabalha como cabeleireira na varanda de sua casa até conseguir montar um salão de beleza no centro da cidade, independe-se totalmente de Tony e encontrar um amor verdadeiro que a fará feliz no casamento.

Eva, mulher moderna, insubmissa, generosa, doutora, com cargo de chefia em seu emprego, diretora que comanda os homens da empresa, rica e vítima do preconceito moçambicano em virtude de sua esterilidade, o que a condena à solidão. A ironia em torno do nome da personagem está vinculada à personagem bíblica, Eva, nome que, em hebraico, significa *a que vive*, no entanto, a personagem homônima do romance de Paulina Chiziane tem seu direito a viver cerceado pela cultura moçambicana por não ter a possibilidade de gerar filhos.

O elo principal entre todas essas mulheres é Tony, que, de líder policial, converte-se em dominado, tendo sua força minada paulatinamente frente ao *niketche* praticado pelas suas mulheres. As conquistas amorosas de Tony sempre têm por alvo mulheres mais jovens do que ele, de personalidades diferentes e oriundas de diversas regiões de Moçambique, como uma forma de manutenção de sua virilidade, a qual entra em colapso por ocasião da orgia programada pelas esposas lideradas por Rami.

Tony vai perdendo seu domínio sobre as mulheres, à proporção em que elas vão conquistando independência e identidade desvinculadas do domínio dele, afirmando-se como mulheres fortes e poderosas quanto ao controle de suas próprias vidas. Na verdade, o que faltava a elas era a oportunidade de crescerem e quem proporciona essa capacidade é a heroína do romance, Rami.

Ao regressar da viagem que fez a Paris, o que ocasionou a confusão de seu falecimento, Tony envergonha-se dos costumes do *kutchinga*, conscientiza-se dos sofrimentos aos quais as mulheres moçambicanas estão condenadas, e, indignado com a situação, propõe a si próprio uma mudança de comportamento em que valorize sua esposa Rami. Mas, essa decisão não dura muito tempo e ele volta a ser o homem machista e individualista que sempre foi, até encontrar-se solitário e abandonado por todas as suas mulheres.

O fracasso ideológico é latente no comportamento de Tony, uma vez que ele recorre sempre à casa da mãe quando se encontra em alguma situação que fuja ao seu controle, recebendo dela a proteção que perpetua a condição de Tony como menino mimado. Aliás, reconheça-se que, por ocasião de seu falso falecimento, a primeira providência a qual seus familiares tomam, inclusive sua mãe, é de acelerar a declaração de seu estado de morto para assumirem seus bens, o que dá a impressão de que a única pessoa que realmente o amava desinteressadamente era Rami. Talvez, para aproveitarmos um ditado popular, seria ele a prova de que *quem tudo quer, tudo perde*.

5.2 Linguagem, narrador e digressões em *Niketche, uma história de poligamia*

Paulina Chiziane vale-se da língua portuguesa para compor suas obras, mas também aplica a elas formas linguísticas específicas de Moçambique, repletas de oralidade que mesclam a variedade de línguas empregadas no país, num tom coloquial que aproxima leitor e narradora:

*Muthiana orera, onroa vayi*¹³?, pergunto. *Elas escancaram as bocas e me respondem com sorrisos, de alegria, de amargura, de saudade, de desalento, ansiedade, esperança. Pergunto àquelas que passam: acreditam no amor platónico? Todas se riem de mim e me*

¹³ Tradução: *Mulher bonita, aonde vais?*

perguntam se enlouqueci. Querem saber se sou deste planeta. Amor platônico é só na lua (NHP, 2021, p. 162).

Meu Deus, ajuda-me a descobrir a alma e a força do meu rio. Para fazer as águas correr; os moinhos girar; a natureza vibrar. Para trazer ao meu leito a luz de todas as estrelas do firmamento e deixar o arco-íris mergulhar-me em toda a sua imensidão (NHP, 2021, p. 17). Vejo uma faísca forte nos seus olhos. É bom que ela expluda, que fale, que se liberte e se purifique, para se libertar da carga interior e voltar a ser uma mulher (NHP, 2021, p. 271).

Outra manifestação de oralidade no romance pode ser encontrada nas referências ao canto e aos ditados ou saberes populares:

[...] Canto a canção preferida da minha mãe, de pilão na mão, a moer o grão.

*Quantas vezes me espancam num só dia,
A mim, primeira esposa, amabê (NHP, 2021, p. 258).*

Vidro quebrado é mau agoiro, confirma-se a sabedoria popular (NHP, 2021, p. 25).

A voz popular diz que a mulher do vizinho é sempre melhor que a minha (NHP, 2021, p. 34).

Há uma grande diferença entre a vontade do homem e a vontade de Deus. O que Deus põe, o homem não dispõe (NHP, 2021, p. 149).

Pai é dúvida, mãe é certeza (NHP, 2021, p. 179).

Quem não chora não mama (NHP, 2021, p. 210).

Quem canta, seu mal espanta (NHP, 2021, p. 241).

A sabedoria popular diz que toda a mulher bela é feiticeira (NHP, 2021, p. 275).

O ditado popular percorre o livro todo desde a epígrafe, *Mulher é terra. Sem semear, sem regar, nada produz*, um provérbio zambeziano que dá ao romance tom moralizante ao definir didaticamente o papel da mulher na sociedade. No entanto, já nas primeiras páginas do livro, fica evidente que a ideia central desse ditado será desconstruída a partir do desenvolvimento e da evolução da personagem Rami.

É por meio da narradora em primeira pessoa que Paulina Chiziane faz uso da polifonia bakhtiniana, em diálogos das personagens femininas recheados de confissões relacionadas à violência, à subordinação e à sujeição às quais as mulheres estão condenadas. Mas a denúncia é elaborada pela autora por meio, também, de uma abundância de metáforas e de adjetivos, que carregam o romance de poeticidade associada ao tom de

desabafo de Rami, porta-voz das mulheres moçambicanas, como se pode perceber na alegoria a seguir:

O amor é sublime, não pode ser mexido por mãos humanas. Ele vem, ele toca-nos e marca-nos o coração com cicatrizes profundas. O amor é superior, voa alto e poisa onde deseja. O amor é independente, não se compra, não se vende. É brisa que vai, brisa que vem, que entra no peito e se instala sem pedir licença. Nasce e morre onde lhe dá na gana. É sopro mágico da flauta dos campos, que encanta, que faz a alma voar. Refresca como a água das fontes e fortalece o espírito. Quando entende pode ser mais violento e arrasador que tempestades. O amor é diamante. É efêmero e eterno como um grão de poeira (NHP, 2021, p. 239).

No romance, alguns usos ousados de metáforas desencadeiam uma aproximação ao Expressionismo:

Terminada a reunião, os presentes mergulham na comida como cabras no monte de feno. Trituram as carnes e as batatas, como máquinas industriais de mastigação. Sirvo o vinho que nasce das garrafas de Portugal e bebem como camelos. Embriagam-se e lançam o desagradável vozeario festivo dos bares nocturnos (NHP, 2021, p. 137, 138).

Outro recurso notável presente na obra é o emprego de micronarrativas, em que se misturam mitos, fábulas moçambicanas e relatos de Rami, Julieta, Luísa, Saly e Mauá, dando feição à classificação que Paulina Chiziane faz de seu trabalho, “uma contadora de histórias” muito próximas da realidade da mulher não só de Moçambique, mas da figura feminina universal. São pequenas histórias que vão se acomodando a um mosaico narrativo em que o encaixe se dá com precisão, sem onerar a continuidade do romance.

As digressões são frequentes no livro e necessárias para dar o formato à narradora de comentarista do caos existencial feminino. Em meio às digressões, muitas vezes, está o leitor, interpelado e convidado a opinar silenciosamente sobre aquilo que está testemunhando:

[...] Passámos três meses a andar de festa em festa. Era importante que todos os lobolos fossem feitos numa rajada, antes que o Tony mudasse de ideias. Nos lobolos todos introduzimos uma inovação: a certidão de lobolo, com todas as cláusulas contratuais, menos aquela parte que fala de assistentes conjugais em caso de

incapacidade do marido. Ficaria um bocado imoral, não acham? Toda em papel almaço, com timbre e tudo, dactilografada, assinada por todos os membros presentes nas cerimónias. Com tantas assinaturas, aquilo ultrapassava uma certidão, parecia mais uma petição. Estamos na era da escrita, não estamos? (NHP, 2021, p. 108).

Frequentes também são as ironias de Rami e seu leve senso de humor, beirando ao amargor, que minimizam em alguns momentos da narrativa o tom de dor e sofrimento constantes:

Todas esboçamos um sorriso triste. Perguntamos umas às outras qual a razão de ser daquele encontro. Foi apenas para nos assustar. Criar mais espaço para os seus namoros, os homens gostam de variar, concluímos. Mas nós já somos uma variação, em línguas, em hábitos, em culturas. Somos uma amostra de norte a sul, o país inteiro nas mãos de um só homem. Em matéria de amor, o Tony simboliza a unidade nacional (NHP, 2021, p. 139).

Paulina Chiziane também se apropria de passagens de outras obras, subvertendo-as ou reescrevendo-as, caracterizando a intertextualidade¹⁴ em diversos momentos da narrativa, por meio das reflexões de Rami, que comprovam ou refutam suas posições e pensamentos. Vejamos algumas intertextualidades presentes na obra:

a) A Bíblia e a subversão da oração do *Pai-Nosso*:

Até na bíblia a mulher não presta. Os santos, nas suas pregações antigas, dizem que a mulher nada vale, a mulher é um animal nutridor de maldade, fonte de todas as discussões, querelas e injustiças. É verdade. Se podemos ser trocadas, vendidas, torturadas, mortas, escravizadas, encurraladas em haréns como gado, é porque não fazemos falta nenhuma. Mas se não fazemos falta nenhuma, por que é que Deus nos colocou no mundo? E esse Deus, se existe, por que nos deixa sofrer assim? O pior de tudo é

¹⁴ Conforme o Dicionário on line Houaiss, intertextualidade é: *1. Conjunto de relações alusivas que um texto mantém com outro(s) do mesmo autor ou de autores diferentes; influência de um texto sobre outro que o toma como modelo ou ponto de partida; utilização de uma multiplicidade de textos ou de partes de textos preexistentes de um ou mais autores, de que resulta a elaboração de um novo texto literário.* [Http://houaiss.uol.com.br](http://houaiss.uol.com.br). Acesso em: 05 set. 2021.

que Deus parece não ter mulher nenhuma. Se ele fosse casado, a deusa – sua esposa – intercederia por nós. Através dela pediríamos a bênção de uma vida de harmonia. Mas a deusa deve existir; penso. Deve ser tão invisível como todas nós. O seu espaço é, de certeza, a cozinha celestial.

Se ela existisse teríamos a quem dirigir as nossas preces e diríamos: Madre nossa que estais no céu, santificado seja o vosso nome. Venha a nós o vosso reino – das mulheres, claro –, venha a nós a tua benevolência, não queremos mais a violência. Sejam ouvidos os nossos apelos, assim na terra como no céu. A paz nossa de cada dia nos dai hoje e perdoai as nossas ofensas – fofocas, má-língua, bisbilhotices, vaidade, inveja — assim como nós perdoamos a tirania, traição, imoralidades, bebedeiras, insultos, dos nossos maridos, amantes, namorados, companheiros e outras relações que nem sei nomear. Não nos deixeis cair na tentação de imitar as loucuras deles – beber; maltratar; roubar; expulsar; casar e divorciar; violar; escravizar; comprar; usar; abusar e nem nos deixes morrer nas mãos desses tiranos – mas livrai-nos do mal, Ámen. Uma mãe celestial nos dava muito jeito, sem dúvida alguma (NHP, 2021, p. 61, 62).

— Cada tempo a sua história — diz ela. — A prosperidade mede-se pelo número de propriedades. A virilidade pelo número de mulheres e filhos. Um grande patriarca deve ter várias cabeças sob o seu comando. Quando se tem poder é preciso ter onde exercê-lo, não é assim? Abraão, Isac, Jacob, foram polígamos, não foram? Os nossos reis antigos também o foram e ainda são. Que mal é que há? Na bíblia, só Adão não foi polígamo. Em nossa casa as damas produzem filhos e davam ao reino a imagem de prosperidade. Se o rei tivesse dificuldades, recorria-se aos assistentes conjugais e reprodutores, recrutados entre os homens belos, robustos, inteligentes, do reino. Um rei tem que mostrar a imagem de virilidade, homem sobre todos os homens (NHP, 2021, p. 64, 65).

Se a poligamia é natureza e destino, por favor, meu Deus, manda um novo Moisés escrever a nova bíblia com um Adão e tantas Evas como as estrelas do céu. Manda pôr umas Evas que pilam, esfregam, cozinham, massageiam e lavam os pés de Adão, assim em turnos. Não vale a pena escrever nada sobre o amor e o pecado. Neste mundo da poligamia, as mulheres são proibidas de ter ciúmes. Se o ciúme é amor; então elas estão proibidas de amar. O pecado original, quando o cometem, não é para ter prazer, é só para a reprodução. Pode falar dos castigos, das dores, do

sofrimento, que essa linguagem as mulheres conhecem bem. Não fale da maçã, que cá não existe. Fale antes da banana, que faz mais sentido nesta história. Ou então do caju, se a banana não dá. Serpentes há muitas, só que as nossas não falam, neste éden tropical. E tu, meu Deus, nós te pedimos: Liberta a deusa — se é que existe — para mostrar o rosto só por um segundo. Ela deve estar cansada de preparar tanto vinho, tanta hóstia aí na cozinha celestial, desde o princípio do mundo. Se não existe nenhuma deusa — meu Deus, perdoa-me —, com tantas mulheres que o mundo tem por que não fica com umas tantas dúzias? (NHP, 2021, p. 83).

b) *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir: *Olhei-a com surpresa. De repente lembro-me de uma frase famosa — ninguém nasce mulher, torna-se mulher. Onde terei eu ouvido esta frase? (NHP, 2021, p. 32).*

c) *As mil e uma noites*: — *Rainha dentro de um harém, tia Maria? — pergunto arrepiada imaginando os haréns das mil e uma noites, com restrições, eunucos e essas coisas (NHP, 2021, p. 63).*

d) *Mito do Rei de Midas*: — *Ah, Rami, tens mãos de fada. Tudo o que tocas se transforma em ouro (NHP, 2021, p. 220).*

e) *Mito de Ícaro*: *Nascestes homem mas puseram-te asas de cera, voavas para os teus castelos, derreteu a cera, caíste em terra e quebraste o focinho como um ovo de galinha (NHP, 2021, p. 284).*

f) *Emprego de provérbios já explanado anteriormente.*

g) *Branca de Neve e os Sete Anões e Alice através do espelho:*

Em diversos mitos, lendas e contos de fadas, o espelho é um objeto mágico e repleto de simbolismos. Em *Niketche, uma história de poligamia*, ele aparece como o refletidor dos pensamentos e questionamentos de Rami, além de proporcionar à narradora uma visão inversa de si mesma. Inicialmente, Rami não reconhece como sua a imagem nele refletida, uma vez que ele é confrontador e desnudador da submissão e subalternização da narradora, alternando o reflexo do consciente e do inconsciente dela.

É o espelho da Branca de Neve às avessas. No conto dos irmãos Grimm, a Rainha vai ao espelho mágico buscar a confirmação de sua beleza, importância social e poder, esperando dele a resposta afirmativa, mas descobre a existência de uma rival. No caso de Rami, o espelho lhe confirma a fraqueza, insignificância social e lhe mostra que a sua rival é ela mesma. Enquanto a Rami do espelho é firme em suas afirmações e lúcida

nas interpretações sobre o comportamento da narradora, a Rami real é justamente o inverso lógico dela, uma vez que a imagem refratada no espelho é contrária à que nela se espelha.

Além disso, o espelho de Branca de Neve é submisso ao poder da Rainha, demonstrando ter medo dela e o de Rami é desafiador, confrontador, e lança à narradora uma série de escárnios. Destaque-se também que o espelho de Branca de Neve não reflete a imagem da Rainha, mas, sim, a imagem de um ser aprisionado com características físicas próprias, enquanto o de Rami reflete a figura da narradora real, mas que lhe é estranha, pois se lhe apresenta como alguém forte e distante dos sofrimentos vividos pela narradora em vinte anos de um casamento infeliz.

A intertextualidade vai além do conto de fadas *Branca de Neve e os Sete Anões*, já que podemos, também relacionar o espelho de Rami à *Alice através do Espelho*, de Lewis Carol, como o portal para a descoberta do desconhecido.

A versão de Rami no espelho é para a narradora uma nova imagem de si mesma, zombeteira, direta e ameaçadora, mas é seu único amigo sincero, até a chegada de Luísa na vida de Rami. É o espelho que possibilita à narradora a ação que a levará a desafiar a sociedade patriarcal e as tradições moçambicanas. A partir das conversas com o espelho, amigo e inimigo, Rami se autoconhece e toma consciência de sua baixa, ou nula, autoestima por meio de um diálogo franco com ele. Assim, o espelho é o *alter ego* de Rami, que lhe promove a possibilidade de reconhecer suas faltas e medos e passar de paciente a agente da sua trajetória existencial.

Associando-se o espelho de Rami ao mito de Narciso, reconhece-se um princípio de amor da narradora em relação a ela mesma por meio dos diálogos que tem com seu confidente especular. Aliás, a palavra espelho tem origem em *speculum*, de onde surgiu a palavra espéculo, objeto usado em exames íntimos e que possibilita uma melhor visualização de cavidades como vaginas e ânus. O que Rami faz de si mesma ao se olhar no espelho é exatamente esse exame de sua interioridade, que lhe permite *especular* (palavra originária de *especulum*) sobre quem ela é e quem deseja ser.

5.3 As tradições e os misticismos moçambicanos

5.3.1 Niketche – A dança do amor

Em Moçambique, a passagem da vida infantil para a fase adulta da mulher é marcada por festejos da mãe e das vizinhas, que dançam por três dias anunciando a novidade. Após três meses de uma forma de reclusão, a

menina começa a ter aulas sobre como ser uma boa esposa, tratar o marido, desempenhar-se sexualmente e preparar-se para a reprodução, seguindo-se um rito de escarificação e de tatuagens, provocativas de dor, para que ela saiba suportar os sofrimentos que enfrentará no futuro.

Niketche é um ritual de dança do amor e do erotismo executada durante o rito de iniciação feminina, ao som ritmado do batuque que tem por finalidade marcar a passagem infantil da menina, quando da primeira menstruação, para a fase adulta, iniciando-a nos conhecimentos sexuais. Assim, a narradora descreve o *Niketche*:

Niketche. A dança do sol e da lua, dança do vento e da chuva, dança da criação. Uma dança que mexe, que aquece. Que imobiliza o corpo e faz a alma voar. As raparigas aparecem de tangas e missangas. Movem o corpo com arte saudando o despertar de todas as primaveras. Ao primeiro toque do tambor, cada um sorri, celebrando o mistério da vida ao saboreio niketche. Os velhos recordam o amor que passou, a paixão que se viveu e se perdeu. As mulheres desamadas reencontram no espaço o príncipe encantado com quem cavalgam de mãos dadas no dorso da lua. Nos jovens desperta a urgência de amar, porque o niketche é sensualidade perfeita, rainha de toda a sensualidade. Quando a dança termina, podem ouvir-se entre os assistentes suspiros de quem desperta de um sonho bom (NHP, 2021, p. 139).

5.3.2 *Kutchinga* ou *Kupitakufa*

É um ritual que consiste em uma relação sexual, sem uso de preservativos, da viúva com o irmão de seu marido (prática mais comum), ou com um parente mais velho, para a purificação dela, isto é, para afastar os azares que vêm dos maus espíritos antigos, podendo resultar em um casamento com esse parente, mesmo que ele já tenha uma esposa. Configura uma purgação da mulher viúva por meio do sofrimento do corpo e perda dos bens e da casa como forma de restituição do *lobolo*. O ritual, marcadamente patriarcal, tem duração de seis dias consecutivos. É uma cerimônia praticada em todo o país, principalmente nas zonas rurais, mas, em decorrência da proliferação da AIDS, ela foi oficialmente abolida, embora ainda ocorra sob sigilo em algumas famílias. Para Rami,

Kutchinga é lavar o nojo com beijos de mel. É inaugurar a viúva na nova vida, oito dias depois da fatalidade. Kutchinga é carimbo, marca de propriedade. Mulher é lobolada com dinheiro e gado. É

propriedade. Quem investe cobra, é preciso que o investimento renda. De repente me vem uma pergunta louca: existirá alguma mulher que, no acto de Kutchinga, gemesse de prazer? Mas nem tudo é mau. No meio desta desgraça, há uma coisa boa. Com a falta de homens que dizem haver, é bom saber que a viuvez me reserva um outro alguém, mesmo que seja de vez em quando. É confortante saber que tenho onde encostar o meu ombro sem precisar de andar pelas ruas a vender os meus encantos diminuídos pelo tempo. Incesto? Incesto não, apenas levirato. Incesto só há quando corre o mesmo sangue nas veias (NHP, 2021, p. 184).

5.3.3 Licaho ou Mudjivas

O *licaho*, no imaginário popular, é uma espécie de canivete mágico que protege a castidade da mulher, impondo a ela dor em caso de cometer adultério.

Mudjivas são espíritos de maridos mortos, que retornam do além para impedir suas esposas de terem outros parceiros, pois o direito sobre ela é de posse do falecido marido.

5.3.4 Lobolo

É um compromisso de matrimônio que consiste em uma espécie de dote, no qual a família da noiva recebe bens do noivo para compensar a retirada dela de seu núcleo familiar, garantindo-se os direitos e deveres entre o casal.

5.3.5 Xitique

O sentido original da palavra é tirar dinheiro em conjunto para um fim, isto é, uma forma de empréstimo, ou financiamento de dinheiro, firmado à base da confiança mútua. Cada pessoa envolvida no *xitique* cede um capital, de mesmo montante para todos os envolvidos na negociação, e, depois de um período previamente estipulado, um dos integrantes recebe o valor reunido, seguido pelos demais, sucessivamente, até que todos sejam contemplados com a quantia previamente acertada. É uma espécie de consórcio, mas sem haver a inclusão de taxas ou juros aos valores a serem reunidos pelos integrantes. Rami e as demais mulheres de Tony realizam

uma espécie de *xitique*, sistema econômico que, no país, é principalmente utilizado por mulheres.

5.3.6 Moela de galinha

A tradição da moela de galinha consiste em se reservar essa parte do animal para ser consumida pelo marido, com apenamento da mulher em caso de transgressão do costume, sendo destinadas às esposas apenas as sobras da comida do marido. Além disso, a moela deve ser servida seguindo uma espécie de ritual, conforme descreve uma das velhas damas ao orientar como deverá ser o comportamento das esposas de Tony frente à união poligâmica:

Devem servir o vosso marido de joelhos, como a lei manda. Nunca servi-lo na panela, mas sempre em pratos. Ele não pode tocar na loiça nem entrar na cozinha. Quando servirem galinha, não se esqueçam das regras. Aos homens se servem os melhores nacos: as coxas, o peito, a moela. Quando servirem carne de vaca, são para ele os bifes, os ossos gordos com tutano. É preciso investir nele, tanto no amor como na comida. O seu prato deve ser o mais cheio e o mais completo, para ganhar mais forças e produzir filhos de boa saúde, pois sem ele a família não existe (NHP, 2021, p. 109, 110).

5.3.7 Poligamia

A Lei moçambicana n.º 22/2019, de 11 de dezembro de 2019, em seu ARTIGO 19 (Dualidade de casamentos) diz:

Não é permitido o casamento por quem se encontre ligado com outra pessoa por casamento civil, religioso ou tradicional, devidamente transcritos, bem como por quem esteja a viver com outra pessoa em união de facto devidamente atestada.

Observe-se que a Lei destaca a união estável legalizada como motivo de proibição para o casamento civil, religioso e tradicional. Mas, ainda hoje, a poligamia persiste em Moçambique, de maneira velada, uma vez que a Lei fala em casamento legal como impeditivo para outra união, e a poligamia não alcança essa união de acordo com a Lei, pois não é documentada nos órgãos oficiais.

Um número considerável de mulheres moçambicanas vive com polígamos, para encontrarem suporte econômico, como se pode perceber nas personagens de *Niketche, uma história de poligamia*, o que faz da poligamia um mecanismo de inferiorização e subjugação da figura feminina, obrigando a mulher a ser tratada como produto e propriedade do marido. Mas, para Rami, esposa oficialmente legalizada conforme os trâmites cartoriais, a poligamia

[...] é o destino de tantas mulheres neste mundo desde os tempos sem memória. Conheço um povo sem poligamia: o povo macua. Este povo deixou as suas raízes e apoligamou-se por influência da religião. Islamizou-se. Os homens deste povo aproveitaram a ocasião e converteram-se de imediato. Porque poligamia é poder, porque é bom ser patriarca e dominar. Conheço um povo com tradição poligâmica: o meu, do sul do meu país. Inspirado no papa, nos padres e nos santos, disse não à poligamia. Cristianizou-se. Jurou deixar os costumes bárbaros de casar com muitas mulheres para tornar-se monógamo ou celibatário. [...]

Se a poligamia é natureza e destino, por favor, meu Deus, manda um novo Moisés escrever a nova bíblia com um Adão e tantas Evas como as estrelas do céu. Manda pôr umas Evas que pilam, esfregam, cozinham, massageiam e lavam os pés de Adão, assim em turnos. Não vale a pena escrever nada sobre o amor e o pecado. Neste mundo da poligamia, as mulheres são proibidas de ter ciúmes. Se o ciúme é amor, então elas estão proibidas de amar. O pecado original, quando o cometem, não é para ter prazer, é só para a reprodução. Pode falar dos castigos, das dores, do sofrimento, que essa linguagem as mulheres conhecem bem (NHP, 2021, p. 81, 82).

Nas passagens anteriores, Rami considera a poligamia como um traço enraizado na cultura masculina de Moçambique e faz um pedido ressentido a Deus para que a História da humanidade, pelo viés bíblico, seja modificada.

A situação poligâmica para Tony, inicialmente, concretiza a ideia comum em Moçambique de que ter apenas uma esposa não faz do homem um grande patriarca, mas, depois, ela vai se transformando em uma tormenta quando sua mãe exige que regularize a situação de todas as mulheres e ele, sem conseguir garantir direitos iguais a todas as esposas e filhos e, ainda, cumprir o rodízio sexual, chega a se sentir um homem

desrespeitado, enfraquecido e maltratado pelas esposas, mesmo seguindo as tradições.

5.3.8 A lenda Vuyazi

É uma metáfora determinando o comportamento obediente da mulher em relação ao homem, ilustrando o castigo imposto àquelas que ousarem enfrentar os valores da sociedade patriarcal moçambicana, não cumprindo a servidão que lhes é imposta pelo matrimônio, visando por meio da ameaça, controlar qualquer forma de revolta feminina em relação ao mando masculino e colocando em segurança o patriarcalismo. Rami vinga Vuyazi, a deusa da insubmissão, da Lua, ao lutar por sua felicidade e liberdade.

6. EXERCÍCIOS

Texto para os testes 1 e 2.

As culturas são fronteiras invisíveis construindo a fortaleza do mundo. Em algumas regiões do norte de Moçambique, o amor é feito de partilhas. Partilha-se mulher com o amigo, com o visitante nobre, com o irmão de circuncisão. Esposa é água que se serve ao caminhante, ao visitante. A relação de amor é uma pegada na areia do mar que as ondas apagam. Mas deixa marcas. Uma só família pode ser um mosaico de cores e raças de acordo com o tipo de visitas que a família tem, porque mulher é fertilidade. É por isso que em muitas regiões os filhos recebem o apelido da mãe. Na reprodução humana, só a mãe é certa. No sul, a situação é bem outra. Só se entrega a mulher ao irmão de sangue ou de circuncisão quando o homem é estéril (NHP, 2021, p. 35, 36).

1. De acordo com o fragmento acima:

- a) Rami apresenta uma visão consciente da condição cultural, política e social da mulher, distante das influências da colonização portuguesa.
- b) O *mosaico de cores e raças* metaforiza a mistura cultural de Moçambique.
- c) O amor é um sentimento solidificado na cultura moçambicana.
- d) O papel da mulher é fundamental, indispensável e reconhecido para o desenvolvimento da economia de Moçambique.

2. Nos fragmentos extraídos do texto, a metáfora está ausente em:

- a) *Esposa é água que se serve ao caminhante, ao visitante.*
- b) *A relação de amor é uma pegada na areia do mar que as ondas apagam.*
- c) *Uma só família pode ser um mosaico de cores e raças.*
- d) *Na reprodução humana, só a mãe é certa.*

3. Considerando-se o enredo do romance *Niketche, uma história da poligamia*, Rami se apresenta como uma mulher

- a) forte e decidida desde o início da narrativa, já que não se deixa dominar pelo marido masculino.
- b) alienada da condição feminina em Moçambique e conformada com a falta de perspectivas mais favoráveis às mulheres de seu país.

- c) entre a tradição e a modernidade, questionadora dos valores enraizados na cultura moçambicana.
- d) consciente das limitações femininas e defensora do sistema poligâmico em prática na África.

4. Assinale os itens que apresentam situações enfocadas por Paulina

Chiziane no romance *Niketche, uma história de poligamia*:

- () Ausência dos maridos na estrutura familiar;
- () Poligamia feminina;
- () Patriarcalismo imperante;
- () Práticas místicas para a conquista de maridos;
- () Ritos de iniciação sexual feminina;
- () Práticas de feitiçarias e magias para conquistas amorosas;
- () Menosprezo à mulher infértil;
- () Exploração sexual feminina;
- () Violência contra a mulher.

7. RESOLUÇÃO DOS EXERCÍCIOS

1. Segundo Rami, Moçambique é um país em que a cultura tradicional se amalgamou a outras, bem como a religião, e, por isso, a constituição humana, social e cultural do país se caracteriza como um *mosaico de cores e raças*. Resposta: B
2. Em *Na reprodução humana, só a mãe é certa*, o sentido da palavra *certa* foi empregado de forma denotativa, indicando que há certeza de quem é a mãe de uma criança. Resposta: D
3. Rami é uma personagem que, ao longo do romance, vai amadurecendo sua capacidade crítica ao descobrir a poligamia do marido e partir para a ação, o que favorecerá à narradora a possibilidade de testemunhar a realidade vivida pela maioria das mulheres moçambicanas. A partir daí, Rami passa a questionar as tradições de Moçambique, das quais ela também é herdeira, e principia uma revolução feminina em que as mulheres de Tony, e também a narradora, conquistam a liberdade econômica, afetiva e social, elementos de ampla valorização nos tempos modernos. Resposta: C
4. Todos os itens apresentam assuntos discutidos no romance a partir do olhar da narradora em primeira pessoa, Rami.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Erika Tonelli de. Um olhar sobre a cultura e sociedade em Moçambique: a ficção e a realidade. In: *Nikette: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, 2009.
- BONNICI, Thomas. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. Maringá: EDUEM, 2000.
- CAVALCANTE, Scheilla Graziella Cayô. *O feminino na escrita literária de Paulina*.
- CHABAL, Patrick. *Vozes moçambicanas: literatura e nacionalidade*. Lisboa: Veja, 1994.
- CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania. Caminhos da ficção da África portuguesa. *Revista Biblioteca Entre Livros – Vozes da África*. São Paulo: Duetto, n. 6, p. 44-51, 2007.

- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.
- CHIZIANE, Paulina. *Niketche*. Uma história de poligamia. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- GONÇALVES, Adeldo. O feminismo negro de Paulina Chiziane. In: *Passagens para o Índico: encontros brasileiros com a literatura moçambicana*, de Rita Chaves e Tania Macêdo (organizadoras). Maputo: Marimbique Conteúdos e Publicações, p. 33-34, 2012.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário on line*. Acesso em: 5 set. 2021.
- LARANJEIRA, Pires. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.
- LEITE, Ana Mafalda. *Oralidades e escritas nas literaturas africanas*. Lisboa: Colibri, 1998.
- _____. *Literaturas africanas e formulações pós-coloniais*. Lisboa: Colibri, 2003.
- LOBO, Almiro. Niketche, uma história de poligamia: a moçambicanidade revisitada. In: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tânia. *Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa*. São Paulo: Alameda Editorial, p. 77-82, 2006.
- MACÊDO, Tania; MAQUÊA, Vera. *Literaturas de língua portuguesa: marcos e marcas/Moçambique*. São Paulo: Arte e Ciência, 2007.
- MIRANDA, Maria Geralda de. & SECCO, Carmen Lucia Tindó. *Paulina Chiziane. Vozes e rostos femininos de Moçambique*. Curitiba: Editora Appris, 2013.
- MOREIRA, Terezinha Taborda. *O vão da voz: a metamorfose do narrador na ficção moçambicana*. Belo Horizonte: Edições Horta Grande Ltda., 2005.
- NASCIMENTO, Luciana Alberto. *A dança das contradições em Niketche – uma história de poligamia, de Paulina Chiziane*. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Mato Grosso. 2011.
- SILVA, C. R. M. *Xibonini: a metáfora dos espelhos em Niketche*, de Paulina Chiziane. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas – Literaturas Portuguesa e Africanas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.